

HERCULANO ALENCAR

# Miscelânea

---

Aqui reúno vários poemas sem obedecer a nenhuma ordem ou estilo.

## **Predadores**

Poetas são furtivos predadores,  
que caçam, nas entranhas dos humanos,  
migalhas de paixões e desenganos  
perdidas entre as sombras dos horrores.

Poetas são escravos, são senhores;  
são deuses, são demônios... tudo e nada!  
No filme, em que a vida é passada,  
ora são personagens, ora atores.

Poetas são as sombras dos horrores,  
escravas naturais dos predadores,  
que a sanha da paixão nunca sacia.

São, na peça da vida, os atores  
que fazem o papel dos tais senhores  
dos feudos que vassalam poesia.

## **Sequela da intolerância gastro poética.**

A antropofagia do poeta  
-um eufemismo do canibalismo-  
é manifestação de cretinismo,  
quando presente de forma discreta.

Pois o cretino tem a sua meta,  
que é um dia vir a ser canalha.  
O canibal não gosta de migalha  
quer a sem-vergonhice mais completa.

E lá se vão os dois de braços dados  
a remendar sonetos mutilados,  
comendo os restos da indigestão

co'a rima pobre (no infinitivo)  
que resistiu ao suco digestivo,  
pra enfartar o incauto coração.

## **Dissecção**

Ao dissecar herege anatomia  
e esquitejar a carne do poeta,  
entrei, por sua artéria mais secreta,  
nos dúbios pensamentos que escondia.

E ouvi do peito frio que batia,  
num sopro quase mudo de tristeza,  
a voz de quem viveu com a certeza  
de que a morte acolhe a poesia.

Tão tolo, deu-se mais do que devia!  
Viveu todos os sonhos, fantasias...  
que a morte mal conhece o endereço.

E assim, na busca insone de eutimia,  
morreu a esperar que um belo dia  
faria do jazigo, eterno berço.

## **Corpo estranho**

O poeta é um alienado,  
um apêndice falso e real,  
que vive apodrecido, inflamado...  
a supurar a massa cerebral

numa vazão profusa, intermitente...  
qual espuma de uma convulsão.  
Espasmos de lirismo e ilusão  
em que o coração inunda a mente.

Poeta faz da musa, arquitetura,  
do mundo de ilusão, engenharia;  
do apêndice faz a escultura

e, dos golpes da arte, poesia.  
Da convulsão, soberba criatura,  
que nasce pra dar fim nessa agonia.

## **Morte caquética**

Do corpo emaciado, o cheiro azedo  
recende e anuncia a morte em vida!  
Um recital de moscas na ferida  
entoa a ode triste do degredo!

A carne agoniza em segredo,  
enquanto a dor refrega o sofrimento  
e a morte, à espreita do momento,  
joga seu manto tosco sobre o medo.

A fome inda desdenha a boca triste,  
enquanto a consciência resiste  
em registrar tão pávida figura.

O céu abre a janela do ocaso...  
as flores acomodam-se no vaso...  
e o Criador despoja a criatura.

## **Meu último soneto**

Dos Anjos, meu poeta obituário,  
rogo que tu me tenhas compaixão,  
pois hoje joga terra no caixão  
em que sepulto meu vocabulário.

Sou um poeta tolo e perdulário  
que vive, de soneto em soneto,  
atrás de um fonema sem defeito  
para compor um verso imaginário.

É que fazer soneto é meu calvário  
e amargar teu fel, a minha cruz.  
Como o ladrão ao lado de Jesus,  
eu sou apenas mais um comentário.

Receba, pois meu pobre inventário  
pra que à morte eu possa fazer jus.

## **Doente de fé**

Não há um vírus, uma bactéria...  
seja um verme, um protozoário...  
A minha fé me torna refratário  
a todos parasitas da matéria.

Eu depurei a fauna deletéria,  
que invadiu a minha imunidade,  
quando traí a santa castidade  
na tentação e na paixão venérea.

Faço da fé meu único remédio,  
o linimento cáustico do tédio  
que dá abrigo a minha astenia...

Vivo da fé. É tudo o que consigo!  
A mesma fé que adorna o jazigo  
em que eu sepultei a poesia.

## **Monólogo do seio direito**

Vivo a desmamar cruel saudade  
de quando, junto a ti, compadecia...  
Eu fui indene à patogenia  
que mutilou bem mais que a vaidade.

Eu vi o sangue encher a cavidade!  
Eu vi murchar o pomo ao meu lado!  
Eu vi um viço inteiro sepultado,  
depois de anos de cumplicidade!

Eu sou dos dois a tímida metade  
que soma o percentil de morbidade  
nas estatísticas do sofrimento.

Por um acaso, o seio direito,  
que hoje só, aplaca o preconceito  
e a dor que, ora sozinho, amamento.

## **Neógeno**

Um espermatozoide suicida,  
em dia de fecunda depressão,  
morreu ao encontrar a nidação  
que fez ressuscitá-lo para a vida.

Cresceu e teve a forma distorcida  
por força da cinética mutante.  
E foi-se, alterando a todo instante,  
até tomar-se coisa definida.

Foi mórula, agora é o embrião,  
que há de conceber um novo feto.  
E do acaso um ciclo foi completo  
e Deus deu-lhe o nome de Adão.

O Pai onipresente ganha um neto  
e o diabo perpetua a geração.

## **Paradoxo vital**

A vida, esta cruel insanidade,  
é como um trago emético da morte,  
que ao destilar a embriaguez da sorte,  
faz-se um excremento da verdade.

A verdade é da mentira, um feto.  
Um dos filhos bastardos da moral,  
nascido de um parto natural  
e educado sob o mesmo teto.

A vida é a morte em movimento.  
Uma beleza tosca e fascinante,  
sonho e pesadelo do momento;

Uma Paixão letal, escravizante,  
do amor carnal que açoita o sofrimento,  
e nasce, e falece a todo instante.

## **Ossos do ofício**

O esqueleto, curvo pelos anos,  
ostenta em seus ombros a caveira,  
abriga uma alma verdadeira,  
que fora em vida um parnasiano.

Não me recordo quem fora seu dono,  
mas dos poemas eu lembro ainda.  
Com emoção na rigidez da rima;  
verso toante, silabar ufano...

Serviu um só poeta toda vida,  
que foi mumificado num poema,  
com o nome de carcaça preferida.

Hoje, junto dos ossos um dilema:  
Será meu Deus que, no apagar da lida,  
morrer como poeta valha à pena.

## **Poema impoético**

No estertor da vida, conivente  
o ostracismo abraça a derrota  
e segue junto a ela a mesma rota,  
atrás do abissinismo insurgente.

Quais gêmeos pusilânimes, viventes...  
serpenteia fingida procissão,  
rezando a reza torta, em comunhão  
com os louvores de antigamente

quais filhos abortados da miséria,  
a entoar a Neuma deletéria  
nos templos cavernosos da lambança.

E lá se vão... seguindo a mesma artéria  
sepultar a homérica pilhéria  
que sela a mais espúria aliança.

## Poeta triste

Poeta, cego amante da tristeza,  
que morre de overdose de sofrer,  
uma vez morto volta pra sorver  
outra dose de dor na sobremesa.

Pois do poeta a triste natureza  
é mais que uma droga consumida.  
É como o ar, a água, a comida...  
o pão da vida posto sobre a mesa.

Poeta viciado, compulsivo...  
que chora sem que haja algum motivo  
e ri enquanto o mundo todo chora.

Não sei o que é de ti neste momento,  
portanto faço a vez do sofrimento  
pra quando houver chegado tua hora.

## Poetalgia

Dói-me a poesia, essa quimera,  
que me açoitava os versos noite e dia.  
Dói-me, vez que a dor e a poesia  
são irmãs siamesas, bestas-feras.

Dói-me, a cada flor da primavera,  
o verso que me deixa o coração  
e, ao chegar à flor inda em botão,  
forja a lembrança viva do que eu era.

Dói-me, porque a dor faz o poeta,  
que faz da sua dor a flor aberta,  
que fecha o ciclo da inspiração.

Dói-me, finalmente, porque a dor  
é a quimera que, por onde eu for,  
há de fazer-me ver na escuridão.



## **Verborragia do preconceito**

Eu tusso a hipocrisia enquanto escarro,  
dissimuladamente, o preconceito.  
E sinto um alívio no meu peito  
ao vê-la escorrer pelo catarro.

Pois ao ser homem, sou porção do barro  
feito para ruir a qualquer custo.  
Mas, mesmo assim, ainda levo um susto,  
ao ver o muco pútrido e bizarro.

Tenho tossido muito hoje em dia,  
e baforado minha hipocrisia  
sobre as fossas nasais da perfeição.

Quisera me livrar desse defeito!  
Mas quanto mais eu sinto-me perfeito  
mais muco putrefaz-se em meu pulmão.

## **Fisiopatologia do preconceito**

Dentro do fecaloma cerebral,  
que molda e delimita o preconceito,  
existe um pensamento putrefeito,  
que flui como dejetos neurais.

É neste fecaloma que o sujeito  
processa sua química mental,  
e purga, e defeca todo o mal,  
que possa acumular dentro do peito.

Dentro do fecaloma mora um verme  
um nematódeo sujo e inerte  
que vive em profunda depressão.

Um velho e pobre helminto solitário  
que há muito já gastou o calendário  
à espera da primeira dejeção.

## **Psicopatologia da fé**

Nem um só vírus, uma bactéria!  
Nem um só um verme, um só protozoário!  
A sua fé tornou-o refratário  
a todos parasitas da matéria.

Assim... desdenha a fauna deletéria,  
que lhe abraça a torpe imunidade,  
e põe-se a proferir insanidades  
e a recompor carúnculas venéreas.

E fez da fé seu único remédio!  
Um linimento natural pro tédio,  
quando a morte entrar no puerpério.

E fez da fé o último abrigo!  
A fé que ora adorna o jazigo  
no solo sepulcral do cemitério.

## **Redenção**

O peso da soberba desmedida  
há de vergar-te o dorso, à revelia,  
em tom de reverência à poesia  
que há nas coisas simples desta vida.

Como um desabrochar de margarida,  
um riso inocente de criança,  
um passe de balé no fim da dança,  
um beijo a selar a despedida...

Pois quando o sofrimento se aproxima,  
o verso divorcia-se da rima  
e beija a poesia sem alarde...

Desfaz-se o pedestal da presunção  
e finalmente a voz do coração  
consegue festejar a liberdade.

## **Ruínas do passado**

O passado negou-me um endereço,  
borrou-me a memória no presente!  
Tenho andado mais e mais ausente,  
talvez até bem mais do que mereço.

Mas como todo fim tem um começo  
e meu começo nunca chega ao fim,  
não sei ao certo o que será de mim  
depois do meu penúltimo tropeço.

Sinto-me só, tão só, no dia a dia,  
que ter a solidão por companhia  
fez-me acender a luz do meu passado.

E só a poesia, esta megera,  
faz-me rever sozinho como eu era  
antes de ter o fim anunciado.

## **Sina poética**

De Bocage a sátira ferina!...  
De Pessoa a alma lusitana!...  
De Augusto o fel, a dor, o drama!...  
E, da musa, a forma mais divina!

Assim está escrita a minha sina  
desde minha primeira poesia.  
Assim hei de viver todos os dias  
até que venha a morte assassina

cobrar-me o pedágio desta vida.  
E, finalmente, à hora da partida,  
quando Pessoa, Augusto e Bocage,

braços abertos derem boas vindas...  
Nos seios nus de minha musa linda,  
eu vou fazer a última viagem.

### **Soneto enfisemático**

Dá-me um trago só do teu cigarro!  
Deixa que teu escarro venha junto!  
Eu tragarei com lábios do defunto  
e voltarei à terra feito barro.

Gasta, com tua tosse de bestunto  
e tua língua túrgida de sarro,  
a poesia morta no pigarro,  
já que a morte vai pagar o sunto.

Vê, nem a poesia te consola!  
Hás de engolir esputo por esmola  
e ruminar rancor no coração.

No último suspiro (moribundo)  
vomitarás teu asco pelo o mundo  
junto aos pedaços podres do pulmão.

### **Soneto famélico**

Produto da pobreza epidêmica,  
por sob as cinzas falsas da moral,  
dormia sua infância espectral  
nos seios comensais de mães astênicas.

Sobreviveu a morbidez sistêmica,  
que senta à mesa farta dos jantares...  
viveu a juventude e seus pesares  
no sobejar da fome ecumênica.

Hoje ostenta a caquexia,  
da grande epidemia planetária,  
por trás de uma covarde poesia:

Faz-se da fome obra literária  
servida nos sarais e livrarias  
como se fosse arte culinária.

## **Carta marcada**

Reservou-lhe as garras do destino,  
o resto remexido dos jantares  
dos homens que frequentam lupanares,  
atrás dos atrativos femininos.

Foi infeliz assim desde menino!  
Não teve mãe, nem pai e nem ninguém!  
Viveu a ruminar o mesmo amém  
dos santos, dos pagãos, dos assassinos...

Cresceu, cresceu, ficou adolescente!  
A fome, a fustigar a sua mente,  
comeu-lhe as migalhas de hombridade.

Tornou-se mais adulto e menos gente!  
Hoje ele furta, rouba, mata e mente,  
por todas as esquinas da cidade.

## **Teimosia**

Tenho tentado fazer um soneto!  
Fazer rimar como fazia Augusto:  
Cadenciado, métrico e justo,  
pra recitar o que trago no peito.

Em cada estrofe, em cada verso feito,  
o som perfeito feito pra rimar.  
A chave d'ouro, clave de luar,  
feito sonata de amor-perfeito.

Como não sou e não serei jamais  
um novo Augusto, poeta capaz  
de desfazer o nó da criação,

sigo tentando pela vida inteira  
fazer sonetos a sua maneira  
pra que a vida não me passe em vão.

## **Testamento nuncupativo de um poeta**

Deixo, encardido, sem assinatura,  
este soneto vão, defectivo...  
e junto dele deixo-me cativo,  
pra quem quiser fazer uma leitura.

Como se fosse fruta já madura,  
que já passou do ponto e apodreceu,  
este soneto, como fosse eu,  
desintegrou a sua estrutura:

Perdeu o viço, o brio, a candura...  
encalacrou-se em minha sepultura  
como para provar-me que existira.

Inda que queira não farei censura,  
pois estarei com ele na fundura  
a dar aos vermes toda nossa lira.

## **Paradoxalidade**

A vida, essa cruel insanidade,  
é uma digressão da própria morte  
na implacável busca de um norte  
onde possa calar sua vontade.

A vida é um aborto (é verdade!)  
parido pouco antes do final,  
que se foi sem deixar um só sinal  
da sua verdadeira identidade.

Pois é a vida, a morte travestida  
a desfilar na grande avenida  
que liga o pranto uno ao derradeiro:

A porta-estandarte da ilusão,  
que dança, a calejar a mesma mão  
que há de sepultar o corpo inteiro.

## **Pacto anunciado**

—Vai menina! O pai, rude, ordena.  
—Tu és um peso morto entre nós!  
Quisera eu poder viver a sós,  
longe de ti, o mal que me condena.

Seus olhos anteviram aquela cena  
antes mesmo que Deus dissesse não.  
Seguiu em frente... sem excitação,  
pois, no rancor, a alma se apequena.

—Vai menina! O pai remete o voo.  
Depois da queda, ouve o "te perdo"  
ao som do corpo mudo, já no chão.

Não houve uma lágrima sentida!  
A morte deu de ombros para a vida  
e a vida ora foge da prisão

## **O só e sua sombra**

Era um morto-vivo. Um vegetal.  
Um faz de conta sem qualquer história,  
que cedo deu a mão à palmatória  
e fez co'a morte pacto conjugal.

Natimorto -um vácuo cerebral-  
não via, não falava, não sentia...  
Não sabia, de fato, se existia;  
se era gente ou um animal.

Aos vinte e cinco anos dessa vida,  
-nem mesmo anunciou a despedida-  
fechou os olhos, cego, sem lembrança...

e faleceu sem que tenha vivido,  
deixando, de herança num gemido,  
a dor que carregou desde criança.

## **Homilia dos Anjos Augustos**

Se a mim me for dada a incumbência  
de velar um poema sorumbático  
do mestre dos sonetos matemáticos,  
decassílabos versos em cadência...

Tossirei dos pulmões aflegmáticos  
o ódio, a mentira, a vaidade...  
para depois inflá-lo, à vontade,  
com a profícua verve dos lunáticos.

Serás tu, poeta, o sustentáculo,  
quando eu for recitar o espetáculo,  
junto ao monstro sagrado, poesia.

E, assim, a entalhar a escultura,  
ouviremos no céu, lá nas alturas,  
Augusto na divina homilia.

## **Alma de poeta**

A alma de um poeta é agonia!  
Vive dores de partos permanentes,  
a germinar frutíferas sementes  
onde quer que se encontre poesia.

Quer seja de furor ou anergia  
vive a parir profundos sentimentos  
e a doar a todo vão momento,  
o seio maternal à sua cria.

E lá se vai vivendo seu intento,  
como se um poeta fosse gente!  
Mas um poeta é algo diferente,  
desde a concepção ao nascimento.

A alma do poeta é o lamento  
que alivia a dor, dia após dia,  
e vaga pelos mares da estesia  
nas águas abissais do pensamento.



## **Eu, poeta de mim.**

Vivo a poetar esta min 'alma  
de forma abissal, descolorida...  
qual o funesto escuro desta vida,  
co'a a morbidez do verso que acalma.

Os meus poemas são as despedidas,  
são o adeus de quem já foi embora  
atrás da poesia do outrora,  
pelo cheiro dos anos, esquecida.

Não tenho, dos amores, o lirismo...  
Não tenho, dos poetas, o altruísmo...  
mas tenho alguma dor no coração.

Os meus poemas são meus pesadelos,  
que min 'alma teima em mantê-los  
na onirodinia da paixão.

## **Teoria fúnebre**

Se te disserem que morri, não é verdade.  
Eu não morri, por que não sei como morrer!  
Mas se à morte eu fizer por merecer:  
Se eu morrer, terei morrido muito tarde.

Se te disserem, por ouvir alguém dizer,  
que não morri, não acredites meu amigo.  
Pois eu morri quando aprendi, então, contigo,  
que a morte ensina à própria vida a viver.

Se te disserem que a morte é um castigo,  
não é mentira, meu amigo, eu te digo:  
Digo que a morte é o castigo que ensina

e faz o homem aprender, por si, sozinho,  
a renascer e descobrir novo caminho  
por onde Deus há de traçar a sua sina.

## **Renascer**

Sorvi o último trago do poema  
já no ocaso da minha inspiração!  
Como um pobre diabo, eu caí no chão,  
esvaziando, do peito, o enfisema.

Beijei a última boca de paixão  
sob a aurora da minha decadência!  
Como um deus, a esnoabar sua clemência,  
fiz esvaziar todo o meu coração.

Hoje, poeta, eu bebo em minha boca,  
de trago em trago, esta vontade louca  
de transformar todo o mundo em poesia.

Encher-me o enfisema com ar tão puro;  
erguer-me outro homem já maduro,  
que se esqueceu de tudo o que sabia.

## **Claustrofobia da solidão**

Na penumbra, à luz minguante de uma vela,  
(os genus calejados de orações)  
implora ao criador cem mil perdões,  
ainda que nenhum seja pra ela.

Um pranto engasgado na goela,  
as mãos supinas (súditas do medo)  
revelam o seu o único segredo,  
antes do apagar da luz da vela.

Já não enxerga Deus, nem sua crença,  
apenas sua chaga de nascença:  
o medo irracional da solidão.

E molha de suor o corpo inteiro,  
e engole o suspiro derradeiro,  
na aura da primeira convulsão.

## **Homem terminal**

Metáfora fiel ao meu destino  
escrita pela mão da poesia,  
tu és o verso que me sentencia  
à escravidão do ego feminino.

Doei-te todos os sonhos de menino,  
como fossem vestais da castidade.  
Hoje, ao dobrar a curva da saudade,  
perdi-me na metade do caminho.

Nada levei de ti, vivo sozinho  
a mendigar um pouco de carinho  
pelas lembranças mortas no passado.

E, não fosse a paixão pelos sonetos,  
eu andaria ébrio pelos guetos  
a caducar nos braços do pecado.

## **Augustais de Augusto**

Pudesse, de Augusto, eu roubaria,  
quiçá o seu soneto mais bonito,  
o que forjou, da morte, o veredito  
mas não silenciou a poesia.

Quiçá, de sua verve, a disgenia  
que se perpetuou em cada verso  
E roubaria os versos seus, proscritos,

pra resgatar, da alma, a entropia...  
e, então, despudorado, eu doaria  
todo o legado e âmago contido.

E, assim, solenemente, eu seria  
fiel depositário da agonia  
com que Augusto deu-se à perfeição.

E somaria, a mim, o peito amigo,  
pra cavoucar à pá fiel jazigo,  
e enterrar de vez meu coração.

## **Carta psicografada para Jorge Salles**

A morte, velha amiga e companheira,  
jamais marca visita quando vem.  
E vem, dissimulada e sorrateira,  
trazer-nos novidades do além.

Morrer é encontrar-se com alguém  
que há muito e muito tempo nos espera.  
Alguém que viajou pra mais além,  
bem mais além da última quimera.

Eu soube que morreste, camarada!  
Morreste antes de mim, nessa toada,  
que a vida, sabiamente, nos convida.

Guarda o meu lugar, pois, com certeza,  
ainda hei de sentar à tua mesa  
pra rirmos das lembranças desta vida.

## **Mediunato**

Quando morri, na reencarnação  
reencarnei no corpo de um vate:  
um poetastro de menor quilate,  
antítese fiel da perfeição.

Medíocre, de verve e coração;  
de cérebro pequeno, sem talento...  
vivi a ruminar, no pensamento,  
versos mambembes sem qualquer paixão.

Quando morri de novo, outra vez  
reencarnei a torpe pequenez  
herdada da primeira encarnação.

Ora, que resolvi burlar a morte,  
ponho-me a fazer versos que a exorte  
descer, junto comigo, no caixão.

## **Os primeiros passos**

Seu punho, a dirigir a minha mão,  
foi meu primeiro guia na escrita.  
A poesia (como era bonita!)  
brotava aos montes feito turbilhão.

Ele era mestre e eu, inspiração.  
Ele guerreiro e eu, o seu troféu.  
Nossa batalha: lápis e papel  
e um verso a explodir no coração.

Eu fui crescendo, até andar sozinho,  
seguindo, pelo rastro, o caminho  
que o mestre desbravou pelo parnaso.

Hoje, já no declive do descenso,  
sinceramente às vezes inda penso  
que não se é poeta por acaso.

## **Viagem**

Sigo viagem, levo o meu farnel,  
pois que minha viagem será breve  
e o farnel parece-me tão leve:  
alguns rabiscos, lápis e papel.

Vou bem pertinho: logo ali, no céu!  
Alguns segundos... a viagem é boa!  
Se para o mundo o tempo sempre voa,  
para o poeta o tempo é um troféu.

Vou reviver os versos de Pessoa,  
quando fingiu a dor que não doía.  
E vou fingir seu luto, em elegia  
à morte que, fingida, não perdoa.

Ao regressar farei uma coroa  
dos versos que embalavam noite e dia.

## **Capitulação**

Nossa sociedade decadente...  
aos poucos se arruína na espurcícia  
da ética servil e fictícia,  
que faz um verme invejar a gente.

Tornou-se uma corja delinquente  
no rastro apagado da justiça;  
um monte de cabeças submissas,  
em servidão total e permanente...

Que vai... a aplaudir incompetentes...  
navegando no lixo das enchentes,  
desembocar num mar que já morreu.

Que morra o futuro no presente!  
Assim não restará uma semente  
pra germinar omissos como eu!

## **Ebriedade**

Sou uma sombra morta do passado.  
Escombro de infortúnio e desgraça.  
Roeu-me, a embriaguez, a carapaça,  
pondo o terror noturno acordado.

Quanto mais ando mais a morte grassa  
nos ombros doloridos e nos passos.  
Pé ante pé carrego meus fracassos,  
bebendo e vomitando a mesma taça.

Tornei-me ébrio quando dei um trago!  
Hoje, como palavras, feito gago,  
enquanto me desmancho em impropérios.

Morro, um amanhã a cada dia,  
a definhar cruel cacopatia:  
Herança dos meus genes deletérios.

## **Anunciação**

Onde se vê o fim dessa estrada  
há uma nova estrada em construção  
e mais adiante há um ribeirão,  
que liga o fim de tudo ao fim de nada.

Há uma lua triste enamorada  
por uma estrela guia que não guia.  
Há uma noite eterna, à luz do dia,  
trás de uma luz no fim dessa jornada.

Onde se vê a curva anunciada  
pelos bêbados, loucos e poetas  
ou pelas previsões dos vãos profetas,  
há outras tantas curvas declinadas.

Quando chegar enfim a hora certa,  
vós sabereis que a hora é chegada.

## **Amizade sem matiz**

Eu sou um esquerdista de nascença!  
De pai e mãe e todos ascendentes!  
Eu sou um dos prosélitos viventes  
que têm o comunismo como crença.

Não há no mundo alguém que me convença  
dos benefícios do capitalismo.  
O capital faz parte do abismo  
que há de sucumbir quem nele pensa.

Mas há um ideal, bem mais fecundo,  
que busca construir um novo mundo  
que há de dar a todos um abrigo.

Um mundo em que o amor e a poesia  
sentam na mesma mesa, noite e dia,  
pra dividir o prato entre amigos.

## **zooética**

Trançando as pernas segue, embriagado,  
a tropeçar nas patas do seu cão.  
Blasfema, balbucia, beija o chão...  
até pegar no sono, estatelado.

O cão guarda de cor cada pecado,  
que o vício impingiu ao companheiro.  
E sente o ar da morte pelo cheiro  
do sangue e do vermute derramado.

E solta um aulido amargurado,  
e lambe, sem pudor, a mão ferida,  
e cheira o corpo inerte atrás de vida,  
e deita o sofrimento ao seu lado.

Orelhas murchas, rabo abaixado,  
patas fletidas sob próprio corpo.  
Qual deles realmente estava morto,  
eu tenho, a vida inteira, perguntado.

## **Soneto de espaldar alto**

No último delírio, ainda em vida,  
Zirta reinventou seu Jeremias,  
Materializando as fantasias  
que há muito ela deixara esquecidas.

O corpo seminu, unhas compridas...  
o lingerie vermelho no espelho...  
um copo de uísque, um pentelho...  
os cachos de cabelos, as feridas...

A voz pasteurizada da loucura  
a descrever a vil caricatura,  
que a mente rabiscou em seu delírio.

Somente a morte (muda testemunha),  
qual um esmalte a realçar a unha,  
veio aplaudir, de pé, o seu martírio.



## **Censura**

Não fosse a liberdade de expressão  
a alma singular da poesia.  
Não fosse um poema a ousadia  
que teima e desafia a razão.

Não fosse o poeta um senão  
no seio de um mundo sempre igual.  
Não fosse o verso o parto natural  
que dá à luz a voz do coração.

O que seria, pois, de um soneto  
senão uma visão em branco e preto  
do arco-íris sob a noite escura.

Quiçá um vaga-lume sem lanterna  
vagando pelo céu em noite eterna,  
na ânsia de encontrar a sepultura.

## **Direção defensiva**

Se vires uma bola pela rua,  
que rola, e rola, e rola pelo chão,  
tenha cuidado, dobre a atenção,  
ainda que a bola seja tua.

Atrás de uma bola, meu irmão,  
há sempre uma criança descuidada  
e atrás dessa criança, a menina  
faz fila como fosse procissão.

Reduza a marcha, toque a buzina,  
atente ao outro lado da esquina,  
e só depois então siga em frente.

Tua hás de orgulhar-se em seguida  
por ter poupado uma em tantas vidas  
que somam os percentiis dos acidentes.

## **Ser pobre**

Ser pobre é ter um gene mutilado  
na guerra entre a fome e a fartura  
e derreter os sonhos na gordura,  
que verte junto ao sangue derramado.

Ser pobre é ser banido da cultura  
na guerra entre a pena e a enxada  
e vomitar os sonhos na calçada,  
antes que deus lhe cave a sepultura.

Ser pobre é ter que ouvir, sem dar um piu,  
a voz do preconceito imbecil  
que bufa nos jardins da hipocrisia.

Ser pobre é ser chamado vagabundo  
e trabalhar no chão do submundo  
pra fermentar o pão da burguesia.

## **Orgulho Nordestino**

Trazido pelos braços do destino  
à terra que o seio me ofertou,  
eu felizmente hoje sei quem sou  
e o que já fui nos tempos de menino.

Vivi a vadiar no sol a pino,  
de pés no chão, calção pela cintura,  
como se fosse parte da pintura,  
que Deus pintou no solo nordestino.

Ah, como é bom amar a própria história!  
Guardar de cor no fundo da memória  
toda a felicidade concebida.

Lavar o corpo, a alma, a razão...  
nas águas da lembrança do meu chão,  
que hei de defender por toda vida!

## **Drama urbano**

Entre todas donzelas do sobrado  
Havia uma deusa: Madalena!  
Lábios carnudos e pele morena,  
Olhos perdidos e jamais achados.  
Também perdia a conta dos pecados,  
Dos beijos enfeitados de paixão...  
Só não perdia todo o coração,  
Porque seu coração já tinha dono.  
Perdia a luz do dia junto ao sono;  
E todo o seu orgulho pelo chão.

Abrigo de prazer e de traição...  
Ventre silente, sábio, mentiroso...  
Sepulcro em que guardava todo gozo  
Dos sectários vis da comoção.  
A sua boca não dizia não!  
Fosse pro beijo mais libidinoso,  
Sorria antes de cuspir o nojo  
E deglutir o fel do preconceito  
De qualquer um que dividisse o leito  
Para aninhar os sonhos de esposo.

Lembro seu porte esguio e gracioso,  
Sob o decote, os seios indulgentes...  
A língua a sibilar, como serpente,  
No despertar dum sonho belicoso.  
Lembro do bem mais puro e precioso,  
Sob os lençóis e o branco do algodão,  
A exalar fagulhas de paixão...  
A latejar em ansiosa espera...  
Rosnava-lhe no peito como fera,  
Como quem peca pra pedir perdão.

O ventre ardente na escuridão,  
Oferecia, qual fiel vassalo,  
À intrusão do impetuoso falo,  
Até desfalecê-lo em lassidão.  
Lambia-lhe o gozo como um cão,  
Até a quietude da murchez...  
E, se preciso, a segunda vez...  
Abria-lhe, das trevas, o caminho,  
Para abrigar o resto de carinho  
Sobrevivente da embriaguez.

Vivia Madalena a viuvez  
Que abatia os leitos conjugais.  
Despindo a hipocrisia dos casais

Para vestir-lhe o luto da nudez.  
Viveu a triste espera do talvez,  
A ensaiar amores de atriz.  
Chorou, sorriu, foi triste, foi feliz...  
Vendendo as sobras de felicidade  
Nos labirintos da sociedade,  
Junto aos pudores de ser meretriz.

### **Posseiro da pátria**

Eu amo a minha pátria brasileira,  
com um amor calado, cego, surdo...  
Amor traído que, apesar de tudo,  
fulgura junto às cores da bandeira.

Amor que me incorpora nas fileiras  
dos renegados do seio materno  
e que entrega, ao céu ou ao inferno,  
minha gota de sangue derradeira.

Eu amo o meu país dessa maneira!  
Com esse amor (sem eira e nem beira)  
posseiro dos amores deserdados.

Amor carpido sob cumeeiras  
de viadutos, céus e ratoeiras,  
por onde Deus esconde seus soldados.

### **Oração aos falsos**

"Jesus é a verdade e a justiça".  
Que seja justo, pois, neste momento.  
Que ponha, sobre o trigo, o fermento  
e ponha, sobre o vinho, a cortiça.

Que mande pro inferno o fingimento  
daqueles que hoje rezam sua missa  
e fazem a mentira submissa  
à vil persuasão do juramento.

Que dê o pão, e dê, também, o vinho  
e mostre para os cegos o caminho  
da escuridão das trevas ou da luz.

Que pena, seu Jesus, que vossos filhos  
viajem, por aí, nos falsos trilhos  
do trem que descarrila sob a cruz.

## **Lusíadas**

O canto do poeta é ouvido  
por todas as fronteiras da história,  
ainda que, por tal dedicatória,  
a Dom Sebastião foi concedido.

Os versos, que navegam na memória,  
entoam as oitavas de Camões!  
As velas fazem sons e turbilhões,  
enquanto põem a nau na trajetória.

Filhos de Luso (bravos lusitanos)  
venceram mares, mouros, mulçumanos...  
Choraram por Inês, pelo seu drama...

Enfim, ao terminar a epopeia,  
o livro da poética europeia  
foi reescrito por Vasco da Gama.

## **Por detrás das palavras**

Quisera cultivar a ousadia  
e a poesia chula das palavras  
que nunca disse, pois que são escravas  
do jugo imperial da hipocrisia.

Palavras que ofendem a maioria  
dos escudeiros da moralidade,  
pois na crueza e na leviandade  
vestem-se de invulgar sabedoria.

Quisera emoldurar pornografia  
junto a "Las Señoritas" de Picasso!  
Talvez, assim, encontre algum espaço  
pra colorir minha monotonia.

Mas só escrevo austera poesia:  
o amor mofado prenhe de mesmices...  
Quiçá um dia escreva cretinices  
na solidão de alguma companhia!

## **Bocage**

Eu trocaria todos meus senões  
e todas as certezas desta vida,  
por um verso qualquer da despedida  
de Bocage na tumba de Camões.

Eu daria a cabeça aos leões  
e o pescoço à faca, para o corte,  
por um verso qualquer da dura sorte  
de Bocage em cotejo com Camões.

Eu trocaria um mar de poesia  
por uma gota só da idolatria  
de Bocage à grandeza de Camões.

Eu daria à Bocage, com certeza,  
todos os dons que o dom da natureza  
emprestou ao talento de Camões.

## **A vez da caça**

A minha natureza me persegue,  
por que nasci para ser perseguida.  
E vou viver assim por toda vida  
até que um predador venha e me pegue.

Por que a caça é sempre a preferida  
das criaturas que a morte almeja.  
É encontrada onde quer que esteja,  
inda que passe a vida escondida.

Mas haverá um dia, com certeza,  
em que, contrariando a natureza,  
um caçador há de esperar por mim

e enxergar pra muito além da presa,  
pois há de ver um pouco da beleza  
que sua gana quer botar um fim.

## **Fome capital**

A fome alimenta tanta gente,  
que hoje é um sinal de abundância.  
Comer passou a ser extravagância  
de uma maioria indigente.

A seca bate palmas pra enchente  
à espera de aplausos no futuro.  
E homem vai vivendo no escuro  
à espera de enxergar um pouco à frente.

Quem sabe Deus aprenda a passar fome  
e a ouvir em vão seu santo nome  
nas preces de uma casta desnutrida.

E só assim, eu penso, finalmente,  
a seca vai curvar-se pra enchente  
e ambas vão curvar-se para a vida.

## **Ciclo vicioso (Escravo do dinheiro)**

Sou neto de um escravo fugidio  
que se embrenhou na mata e se perdeu.  
um nobre pé descalço, como eu,  
que por aqui passou sem dar um pio.

Meu pai já nasceu livre como o rio  
que forja, sobre o leito, seu caminho,  
e livre se tornou um passarinho,  
e feito passarinho deu um pio.

Eu já nasci num mundo diferente:  
tornei-me dependente dessa gente  
que manda e desmanda em quase tudo.

E, como o meu avô, tornei-me escravo  
e fujo deste chão, qual bicho bravo,  
e por dar tantos pios, fiquei mudo.

## **Filosofando uma pá de cal.**

Orgulha-te de ti por seres Homem,  
por seres Negro, Branco, Amarelo...  
pois, ao te amares, ficarás mais belo  
e só assim outros talvez te amem.

O homem é que faz o seu castelo,  
seja de pedra, seja de areia...  
não interessa o sangue que há na veia,  
ou a versão do livro que há no prelo.

Orgulha-te de ti, pelo que és,  
ainda que não tenhas sob os pés  
a terra que por Deus foi prometida.

Orgulha-te do teu lugar no mundo,  
e, assim, o preconceito moribundo  
há de deixar pra sempre a tua vida.

## **Encontro de poetas**

Na mesa (enfeitada de poetas)  
há taças de amor e poesia!  
O vento, a bocejar o fim do dia,  
assopra suas rimas prediletas.

Assim... a poesia se completa  
em cada trago, em cada taça erguida;  
em cada verbo e cada voz contida  
que foge das cavernas mais secretas.

Abraçam-se palavras e sorrisos!  
Os velhos sonhos quedam submissos  
ao sêmen que fecunda a criação.

E cada um (e todos) nessa hora  
desmancha em poesia, boca a fora,  
um verso que lhe preme o coração.



## **Ébano dos palmares**

Oh! ébano de sombra maviosa,  
fuste purpúreo, copa de cetim!  
Tuas raízes fundas não têm fim,  
copulam terras tenras, tão viçosas.

Beijam-te ramos como fossem rosas,  
brotam-te frutos como poesia,  
que o vento colhe quando a terra CIA  
pra semear as mudas perfumosas.

Ébano, que tem alma e que fala,  
e grita, e resiste, e não se cala  
no gume traiçoeiro do machado.

Hei de ouvir o eco do teu tombo  
enquanto no meu peito houver o rombo  
por onde teu orgulho foi podado.

## **Capitalismo doméstico**

A empregada de quem sou patrão,  
pessoa humilde, mora na favela.  
Quando reflito tenho pena dela,  
procuro e não encontro explicação!

A empregada de quem sou patrão,  
por muito pouco já não passou fome.  
Às vezes eu me esqueço do seu nome,  
às vezes eu lhe esqueço a condução.

A empregada de quem sou patrão  
sente vergonha de sentar-se à mesa.  
Às vezes eu lhe dou a sobremesa,  
às vezes não lhe dou muita atenção.

A empregada, de quem sou patrão,  
chama-me Seu doutor e Seu fulano...  
Eu me pergunto ao acordar do sono:  
Porque será que eu fui ser patrão?

Não fosse o alto preço do carvão,  
eu lhe daria aumento todo ano.

## **Ares da liberdade**

Se o teu voo pousa em liberdade,  
tu hás de merecer tanta bravura,  
pois que ser livre faz da criatura  
ator da sua própria identidade.

E se ao pousares, vindo das alturas,  
as plumas não perderem todo o viço,  
além de belo, o teu voar castiço  
há de escrever as páginas futuras.

A liberdade ensina, contagia...  
abre redomas, celas e outras portas  
para deixar fugir a poesia,

que só fingia, não estava morta.  
Uma vez livre, a estrela fugidia  
apenas brilha, nada mais importa!

## **Caminhando com Drummond**

Tinha uma pedra no meio do caminho  
por onde eu passava todo dia.  
Inerte, ela fingia que não via  
o meu pisar a caminhar sozinho.

Fosse Drummond e eu a deixaria  
como uma pedra no meio do caminho.  
Como não pude navegar sozinho,  
levei-a junto como companhia.

Era uma pedra que me conhecia  
e que sabia que eu era sozinho.  
Que me esperava a sós pelo caminho,  
por onde eu passava todo dia.

Não fosse por Drummond não saberia  
que aquela pedra era o caminho  
por onde andei e hei de andar sozinho,  
pisando em pedras quase todo dia.

## **Liberdade, o bem maior!**

Que não me deem o pão de cada dia.  
Que não me deem o feijão e arroz.  
Que deixem meu salário pra depois.  
Que me deixem morrer de mão vazia.

Que me neguem a palha e o paiol.  
Que me neguem a água para o banho.  
Que me neguem o amor, a paz, o sonho.  
Que me neguem o teto e o lençol.

Que me façam penar a minha sorte.  
Que me façam sofrer até a morte,  
sem dó, sem compaixão, sem piedade...

E, ainda assim, direi com altivez,  
que sinto muita pena de vocês,  
que tudo têm, exceto a liberdade.

## **Angelina de Rosa Pena**

Angelina, mulher algo divino,  
conta a vida nos anos do marido,  
que aos sessenta anos bem vividos,  
é a própria razão do seu destino.

Mãe de uma menina e um menino,  
cuja educação se encarregou...  
Não se lembra ao certo se gozou  
algum prazer do corpo feminino.

Angelina, um doce de candura,  
era formada em arquitetura,  
mas tinha um talento culinário.

Fazia uma receita arrojada!  
Não fosse a dorzinha enjoada  
faria em vida seu aniversário.

## **Médico**

Vive do sofrimento de quem paga  
o saldo entre dor e analgesia,  
como um poeta vive a poesia  
e cada ser humano, a sua chaga.

Vive -a cada luz que se apaga-  
de acender as velas do destino  
e procurar razões, desde menino,  
pra explicar porque o doce amarga.

Quem vive de exercer a medicina  
aprende muito mais do que ensina  
a ética, escrava da razão,

pois vive a pagar ao sofrimento  
a dívida que fez -em juramento-  
e há de levar junto no caixão.

## **Meu último soneto**

Dos Anjos, meu poeta obituário,  
rogo que tu me tenhas compaixão,  
pois hoje joga terra no caixão  
em que sepulto meu vocabulário.

Sou um poeta tolo e perdulário  
que vive, de soneto em soneto,  
atrás de um fonema sem defeito  
para compor um verso imaginário.

É que fazer soneto é meu calvário  
e amargar teu fel, a minha cruz.  
Como o ladrão ao lado de Jesus,  
eu sou apenas mais um comentário.

Receba pois meu pobre inventário  
pra que à morte eu possa fazer jus.

## **Palavras à liberdade**

"Palavras são palavras"... já dizia  
um sujeito qualquer na multidão!  
Eu vejo recitar este jargão  
no berço de qualquer filosofia.

Palavras, por exemplo: —liberdade  
faz parte de qualquer literatura.  
Quer no senso daquele que censura,  
quer no senso daquele que, de balde,

procura liberdade em qualquer canto.  
Palavras são o riso e o pranto  
das letras perfiladas no papel.

Palavras são o fio da navalha  
às ordens da gravata ou da medalha  
no alto do palanque ou do quartel.

## **Efeméride da liberdade**

Aos trinta e um de março bate o sino  
da nova catedral da exceção!  
O verde e o amarelo dão-se as mãos  
e a ordem impõe progresso ao assassino.

Os tanques, pelas ruas, cantam o hino  
e louvam a vitória sem batalhas,  
enquanto a palma muda dos canalhas  
saúda a concessão doutro destino.

Lacerdas, Ademares, Magalhães...  
abanam o rabo em riste feito cães  
a lambear os pés dos marechais.

E a pátria mãe gentil acolhe o medo  
e leva a termo o único segredo  
que há de fazer jus a tantos ais.

## **Tu e teu livro**

O livro, meu poeta, tu escreves  
quando o lápis beija o papel!  
O beijo que ainda hoje serve  
para acalentar o menestrel:

Como uma abelha pronta para o mel  
ou uma flor que vai gerar o fruto,  
ou um lampejo rútilo no céu  
anunciando a chuva no minuto.

Um livro, meu poeta, é como um sonho  
que, finalmente, chega ao tamanho  
dos sonhos que já têm maturidade.

E mesmo que ninguém o tenha lido,  
há de tornar-se o sonho preferido  
quando vier a ser realidade.

## **Imagem de um encontro**

Sabe que o Jota Cê baixou à terra  
e encontrou Dom Helder, sem batina,  
com uma cruz de pau, sem carabina,  
pregando a paz no meio de uma guerra!?

O velho bispo foi ao pé serra  
e viu o Jota Cê, em um sermão,  
falar em repartir com cada irmão  
toda a riqueza posta nessa terra.

Ouvia a palavra do Rabi  
um latifundiário, um gari  
e um escritor ungido na censura.

A latifundiária pega a cruz,  
entrega ao gari, beija Jesus...  
e um pasquim publica a ditadura.

## **Livre arbítrio**

Um dia eu andava displicente  
por uma trilha aberta na lembrança:  
alguma traquinagem de criança  
que veio, sem querer, à minha mente.

Era um caminho muito diferente  
de todos os caminhos de hoje em dia,  
pois não levava a nada que eu queria,  
mas mesmo assim me fiz seguir em frente.

Andei, andei a pé por essa trilha  
até ver-me cair na armadilha  
armada pelas teias da memória.

E quando finalmente dei por mim,  
pude entender que um sonho não tem fim  
se o homem faz a sua própria história.

## **O erudito e o menestrel**

-Vosmecê, na cadência do soneto,  
é mais perfeito que a perfeição.  
Inté parece Deus na criação  
quando fez Eva, seu verso perfeito.

-Jubilo-me com sua reverência!  
Vossa Excelência, nobre menestrel,  
é a cultura posta no cordel;  
A pura poesia, em excelência.

E assim, os dois poetas, de mãos dadas,  
ungidos pelo dom da poesia,  
rompem os dias juntos pela a estrada,

somando um ao outro a maestria:  
O erudito, manga arregaçada,  
aplaude o cordel que não faria.

## **Teoria criacionista**

Prefira o barro cru da olaria  
ao brilho cristalóide das vidraças!  
Do barro o artesão extrai a graça  
de tudo o que na vida o homem cria.

Do barro, Deus forjou mil poesias  
quando ensaiou humana criação,  
obrando da costela de Adão  
a mais antiga e nua das Marias.

Ao barro hão de voltar os artesãos,  
as crias das Marias, seus irmãos,  
as novas gerações, os descendentes...

Hão de voltar também os vãos poetas,  
os sábios, os artistas, os profetas,  
os deuses, as maçãs e as serpentes.

## **Triste sina**

Lá vem a menina, barriga vazia,  
criança no colo, seu sonho de amor.  
Alguém, de cobiça, gerou sua cria,  
as pernas roliças perderam o pudor.

Lá vem a menina com dois corações.  
Perdeu a infância, cumpriu sua sina.  
Seus sonhos desfeitos são mil ilusões:  
riachos vazios não enchem a tina!

Lá vai a menina, já não tão menina,  
com seus pés descalços fugir do sertão:  
imagem da fome no céu da retina!

Fez-se mulher feita pra ganhar o pão!  
Amostra-se nua, por trás das cortinas,  
pra ser consumida por qualquer João.



## **Juros de mora**

O juro é alma gêmea da ganância  
ungida pelas mãos do capital.  
A chama singular, essencial,  
que arde nos porões da abundância.

O juro entorpece a consciência  
e põe o egoísmo de plantão  
para zelar o todo e o quinhão  
que somam a usura à opulência.

Eu desconjuro o juro a toda hora,  
pois vivo de pagar juros de mora  
por tudo que comprei na juventude:

Pago, com a tristeza, a alegria,  
e com a dor eu pago a primazia  
de ter amado muito mais que pude.

## **O fim da utopia e os novos tempos**

De perfumar, a flor perdeu o cheiro!  
Inodora, não sabe mais se é flor!  
Um colibri (drosófila sem cor)  
roubou-lhe o mel mais puro e verdadeiro.

As pétalas caíram por inteiro,  
como se fosse outono em primavera.  
Hoje, uma lembrança do que era,  
sequer relembra a mão do jardineiro.

Morreram os botões e as sementes...  
floriram em seu lugar rosas pingentes  
vestidas de matizes sem paixões.

Caules postiços, cheiro de promessa...  
flores plastificadas, que têm pressa  
em perfumar as novas gerações.

## **Despojado**

Que foste tu na vida, cavalheiro,  
se foste pelo mundo, simplesmente?  
Se teu passado enterra o presente?  
Se não viveste a vida por inteiro?

Se dizes, mesmo assim, que foste gente.  
Que tipo, então, de gente terás sido?  
Aquela que se foi sem ter partido?  
Aquela que ficou de ir em frente?

Desdenha-te de ti, e tens razão!  
Gritaste, a vida inteira, o mesmo não:  
o não que descolore a autoestima.

Se fosse tu, meu caro cavalheiro,  
eu deixaria a vida sem herdeiro  
pra não perpetuar tão triste sina.

## **Um drama urbano**

Era pedreiro, fora demitido!  
Vagava, cabisbaixo, seu destino.  
Em casa, a mulher e um menino  
faziam sua vida ter sentido...

Respingos de cimento esculpidos  
teimavam em cindir-lhe o pensamento  
entre a decepção, o sofrimento...  
O que fizera por ter merecido!

Era um homem crente, um cristão...  
Tinha por Deus do céu e seu patrão  
o reconhecimento mais profundo.

Fora pedreiro, hoje é só notícia!  
Mais um "B.O" lavrado na polícia  
a ampliar o rol de vagabundos.

## **Doutrina**

E lá estava ele escarnecido  
por sobre o tosco lenho do madeiro.  
O corpo -a mendigar- foi o primeiro  
a suplicar que alguém lhe desse ouvido.

O sangue a derramar-se, diluído,  
mesclava o colorido do cenário;  
A morte tatuada num sudário  
velava o seu último gemido.

E assim morreu... mas nunca foi vencido!  
E o mundo ainda entoava seu gemido,  
como se fosse o hino da vitória.

Fez-se, do lenho tosco, uma bandeira  
que arrebatava homens nas fileiras  
dos batalhões que contam sua história.

## **Herói omissos**

Porque proclamas pelo mundo afora  
que tens vergonha de ser brasileiro?  
Melhor seria refletir primeiro  
o que tu fazes pra "fazer a hora".

Falas como se fosses um guerreiro  
-dom Quixote dos Tupiniquins-  
a derramar teus sonhos nos confins  
pra defender o sonho brasileiro.

Melhor seria refletir primeiro  
se a vergonha não é omissão  
e se teu grito, estéril e sem paixão,  
não é, senão, um silvo passageiro.

Por que intentas sempre ir-te embora,  
com a vergonha de ser brasileiro?  
Respondo-te, pretendo cavaleiro:  
Tu és o herói omissos do agora.

## **Encontro casual com o preconceito**

Sujeito estranho, cheio de senões...  
Olhar de quem enxerga pelo avesso,  
de quem não vai ter fim desde o começo:  
um vulto que suscita abstrações!

O encontrei um dia nos porões  
de uma nau que há muito naufragara,  
a carregar no colo a obra rara  
escrita por um tal Luís Camões.

—Meu Deus! Mas quem será esse sujeito?  
Eu perguntei com todo o preconceito  
que me anima a alma de vivente.

E mal houvesse tempo pra resposta,  
pousou a mão surrada em minhas costas  
e deu-me a sua obra de presente.

## **Ecoss da senzala**

Escravo fugitivo, onde andas!?  
Não ouves a chibata do feitor!?  
Abutres têm de ti a mesma cor  
e não de encontrar-te nessas bandas.

As pedras haverão de te impor  
os óbices da falsa liberdade.  
E quando anoitecer, a tempestade  
jamais há de soprar a teu favor.

Escravo dos humores de Isabel,  
uma senzala espera-te no céu,  
enquanto tu te escondes cá no chão.

Serás eternamente um fugitivo!  
E se acaso ainda estás vivo,  
a vida será tua escravidão.

## **Império ianque**

Soturno e decadente, como tantos,  
tu matas, com as mãos da liberdade,  
pretensos inimigos e confrades,  
em nome de teu deus e outros santos.

A musa, impregnada de vaidade,  
com mais de metro e trinta de nariz,  
fundida com o cobre de Paris,  
parece conspurcar a eternidade.

Teus braços, duas fímbrias traiçoeiras,  
alongam-se além das ribanceiras  
dos rios que teu solo há de beber.

Os rios que invadem todos os mares  
em busca de encontrar outros lugares  
pra desaguar a sanha de poder.

## **O homem descartável**

Eu sou um troco vil do meu trabalho  
inflacionado no mercado humano!  
Uma mercadoria, um cão sem dono!  
Quanto mais eu produzo, menos valho!

Sou uma carta fora do baralho,  
que alguém deixou por pura displicência,  
um “ás de ouro” de proficiência,  
que apodreceu e não caiu do galho.

De que me vale toda a inteligência  
se a juventude já virou saudade,  
ainda que o saber e decência,

na contramão, avance com a idade,  
estes valores não são referência  
para o futuro da humanidade.

### **Rapsódia capitalista 243**

Úmidas pela chuva que escorre,  
as mãos vão de mãos dadas co'a saudade!  
Saudade, um não sei que, de quem não sabe  
se fica na lembrança de quem morre.

Saudade, um sorriso de menino  
perdido nos jornais pela cidade,  
atrás dos que tropeçam na idade  
enquanto o tempo vai os consumindo...

Amarga o relógio surdo-mudo  
a hora, que se perde nos ponteiros.  
E espera obediente o derradeiro  
daqueles que se arrastam e, sobretudo,

mendigam ao luar, pelos canteiros,  
as sobras do senhor dono de tudo.

### **O poeta e o soldado**

Feriu-se o poeta numa guerra!  
Pensaram que ela um general.  
Ensanguentado, fraco e muito mal,  
não deu sequer um tiro nessa terra.

A bala alojou-se bem no peito  
e quase lhe furou o coração.  
Por sorte um soldado, em prontidão,  
levou prontamente para o leito.

Salvo e agradecido o poeta,  
que já vaticinara a morte certa,  
fez um belo poema pro soldado:

— Não fosse a tua ajuda e morreria.  
Se hoje vivo e faço poesia,  
escrevo com sangue derramado.

## **Fazedor de pão**

Tua mão, que dormente, acaricia  
toda a matéria-prima da pujança  
e acalenta fantasias de criança,  
há de ungir heróis do novo dia.

Onde houver uma réstia de esperança,  
o teu pão será nossa serventia.  
Há de estar onde a fome sentencia  
a matar e morrer, enquanto avança.

Tua mão colhe o trigo, inda grão,  
e sova, e amassa, e faz o pão...  
e, do pão, a noção de igualdade.

Onde houver uma mão igual à tua,  
há de haver uma força que construa  
a, revolucionária, liberdade!

## **Livre poetar!**

A todo poeta é dado o direito,  
sagrado direito, do livre pensamento.  
Quem tolhe este direito quebra o encantamento,  
rasga a poesia nas mãos do preconceito.

Um homem é poeta por que foi eleito  
pra contestar o mundo e suas verdades...  
Construir castelos, forjar a tempestade...  
Mostrar a natureza de um novo jeito.

Quem rui os seus castelos, lhe acalma o vento,  
impõem-lhe verdades, enjaula a natureza...  
Reduz a poesia, em sua grandeza,  
a uma sombra deturpada do momento.

Então, todos os poetas, em um só lamento,  
choram, em liberdade, suas almas presas.

## **Mutirão da poesia**

Hoje me ajuntei ao mutirão  
de artesões, poetas e oleiros.  
Não sei ao certo quem chegou primeiro  
mais sei que todos sabem, diante mão,

que estão a construir a poesia.  
Como também o sabem, na verdade,  
que cada um tem menos da metade  
e ainda assim tem mais do que queria.

A minha obra é pôr alvenaria  
nas mãos de um poeta-construtor,  
meter a mão na massa com fervor  
e achar o ponto certo de quem cria.

Assim... na construção da poesia,  
serei um operário-criador.

## **Revolucionário**

Colhi os cravos <luso e brasileiro>  
nos cemitérios da democracia,  
tintos do sangue da hemorragia,  
que lava as mãos servis dos fuzileiros.

Não lembro qual dos dois foi o primeiro  
a enfeitar o céu da liberdade,  
mas há um quê de similaridade  
quando, dos cravos, se cotejam o cheiro.

Que a história guarde, em seus jardins,  
os cravos encravados, os festins,  
os louros recolhidos na vitória...

E todos os heróis martirizados:  
Os homens e mulheres, os soldados,  
que doem seus horrores na memória.



## **Poeta-soldado**

E veio esbanjando a poesia,  
que emoldura a dignidade  
e alimenta um homem de verdade,  
até a última fração do dia.

E veio espalhando a hombridade,  
que lhe sobra na vida e na conduta.  
E veio pronto pra vencer a luta,  
por que lutar é uma necessidade.

Afia, pois, o sabre companheiro!  
Atiça alto a flama que te arde,  
por que na vida nunca é muito tarde  
pra começar a ser o timoneiro.

E seguirei teus passos, sem alarde,  
e hei de aclamar-te Brasileiro.

## **Homem-bomba**

Porque não ouvimos a sua voz  
se o silêncio fala mais que o grito  
e ele estava ali, perto de nós?

Aquele homem. de olhar contrito.  
tinha nos olhos o futuro escrito  
e uma bomba em seu coração.

E assim, ouviremos a explosão  
com nossa surdez tão seletiva...

E enquanto houver uma estrela viva,  
faremos dela uma religião.

## **Maluco beleza**

E da metamorfose de um vate  
surgiu a criatura ambulante,  
que revolucionou naquele instante  
o coração que no meu peito bate.

Vagando pelas vias siderais  
de óculos escuros -como a vida-  
era a metamorfose colorida,  
que foi parida há dez mil anos trás

e que carpiu, na cruz do redentor,  
as mágoas de sua geração;  
Carpiu, também, o próprio coração  
nos pegue-pagues de nosso senhor.

Até que a morte, enfim, fez um favor:  
Metamorfoseou-o em canção!

## **Poeta-palhaço e vice versa**

Foi um palhaço que virou poeta  
e como tal voltou a ser palhaço.  
Sua alegria foi-se pro espaço,  
tal como predissera o profeta.

Enquanto foi poeta, foi palhaço  
do gigantesco circo literário.  
Críticos lhe chamavam de ordinário,  
seus pares lhe chamavam poetaço.

E lá se foi fazendo palhaçada  
com sua poesia, tão surrada,  
que até virou motivo de pilhéria:

—Lá vai o bardo, bom de picadeiro,  
trocando poesia por dinheiro,  
mercê dos literatos da miséria.

## **Impressões de Portugal**

Aterrissei no berço de Camões  
alado pelas asas de metal.  
Meu coração desceu em Portugal  
antes das mais fugazes emoções.

Senti no ar, o ar das tradições,  
o cheiro do passado tão presente,  
que derramei um pranto incontinente,  
antes que ouvisse o pranto das canções.

Varei muralhas, sóbrias fortalezas...  
até descortinar toda beleza  
que mora para além do Alentejo.

Vi Florbela, Bocage... vi Pessoa  
como rimas, nos ares de Lisboa,  
dos versos dos sonetos que invejo.

## **Alhures**

Suastes pela terra, na labuta,  
por todos os umbrais e todos os sonhos!  
Ouvi de vós gemidos tão medonhos,  
que até hoje a terra ainda escuta.

Naquele tempo a mesma corja astuta  
-que sobrevive ao tempo hodierno-  
já destinava a vós o mesmo inferno  
que hoje se destina a uma puta.

A cada novo dia mais se avulta  
a vil herança imposta do passado,  
que, como um capital acumulado,  
dorme no bolso de uma casta culta.

Se virdes algum dia a minha terra  
haveis de guerrear a mesma guerra.

## **Diógenes, o Cínico**

Diógenes, o Cão, foi o escravo,  
abana-rabo da filosofia.  
Vivia a ladrar o que sabia,  
com sua valentia de cão bravo.

Foram tantos aos que serviu de guia,  
que se esqueceu de mim, seu próprio dono.  
Viveu parte da vida no abandono,  
outra parte não soube se existia.

Levou a vida de desabrigado:  
Um vira-lata insone, desprezado...  
a mendigar um prato de comida.

Morreu, quase aos oitenta, inda moço,  
posto a roer... roer... (o mesmo osso)  
até a derradeira despedida.

## **Ressurreto**

Feliz de quem renasce ainda em vida  
o renascer da própria consciência!  
Quem faz as pazes com a inocência,  
há de morrer e não perder a vida.

Quem soergueu a alma combalida,  
reconheceu, enfim, que era gente,  
há de morrer dum modo diferente,  
por que sua missão está cumprida.

Assim é que o poeta escreve em vida,  
no livro que há de ler após a morte,  
as folhas que selaram sua sorte,  
pois nelas sua alma esta contida.

E a alma do poeta não olvida  
pois tem na poesia o eterno norte.

## **O caboclo**

Adormecido em fé e ignorância  
Rega nas mãos a sua inteligência;  
Vez que o caboclo, desde tenra infância,  
Faz do trabalho a sua consciência.

Embora não conheça o alfabeto  
Escreve na terra sua obra prima:  
A poesia que emoldura a rima,  
Que lhe conforta e lhe dá um teto.

A poesia simples, o condimento.  
A roça, a enxada, o suor do rosto;  
A luta, a labuta, o amor, o gosto  
De fazer das mãos o seu sustento.

Eu, que aluguei um banco de escola,  
-Da culta elite intelectual-  
Realcei a inteligência cerebral  
Que todos recebemos por esmola...

Quisera, caboclo, ter crescido  
De sorte a alcançar tua grandeza.  
Ser simples, como tu, por natureza.  
Ser sábio de não ter mais aprendido!

## **Um certo dia dos pais**

E lá, detrás da límpida vitrina,  
um manequim vestido a rigor  
era o retrato, sem tirar nem por,  
do pai lhe habitava na retina.

O curumim cumpria a sua sina  
órfão de qualquer bem material.  
Órfão, também, de classe social:  
era um bastardo da sua retina.

E veio um gerente enxotá-lo  
como se fosse o pai do manequim.  
Ele passou, tão só, perto de mim  
que, se quisesse, podia beijá-lo.

Hoje, dia dos pais, não sei se valho  
uma só lágrima do curumim.

## **Dia do trabalho**

Hoje, fiquei em casa sem fazer nada!  
Minha mulher, antiga namorada,  
Trouxe uma pendência do trabalho  
e deu-me um beijo como um ato falho.

Pensei comigo: Deus o quanto valho!  
E resmunguei um palavrão: Caralho!  
Não é que esqueci a luz acesa  
e a nota promissória sobre mesa!

Mas hoje é feriado nacional!  
Está escrito em qualquer jornal,  
que todos os bancos estarão fechados,  
exceto para os juros de mercado.

Hoje fiquei em casa sem fazer nada!  
Minha mulher, eterna namorada,  
Riu-se do meu inócuo palavrão  
e deu-me um beijo de compensação.

## **Selvagem pragmatismo**

Antropófago do capitalismo,  
cuja bravura cabe na carteira,  
purga, da pobreza, a caganeira:  
A fez nutriz do seu pragmatismo.

Ao atirar o mundo no abismo,  
julga que a plebe há de perecer.  
Somente os ricos vão sobreviver  
à lógica cruel do elitismo.

Mas quem sobreviver esta injustiça,  
há de espalhar o excreto e a carniça  
por onde houver um só sopro de vida.

E, se sobrar vestígios da mundaça,  
há de afogar na areia movediça,  
pra que nenhuma bulha seja ouvida.

## **Guerra sem quartel**

### **Ainda sinto a dor da traição**

e o gosto amargo da decepção  
regurgitando, cá, dentro de mim.

Sinto ruir, do templo em construção,  
um dos pilares da concepção  
dos ideais que cultivei em mim.

Eu sinto (e sinto muito) e mesmo assim  
hei de lutar, lutar até o fim,  
sobre os escombros da destruição

pra recompor, da rosa, o carmesim,  
matiz ideológico, enfim,  
que me colore a alma e a razão.

E a minha guerra não será em vão,  
pois hei de ouvir o toque do clarim.

## **Ao que me interessa me aproximo**

Eu falo mal do meu adversário  
por que enxergo nele o que não presta.  
Ele é a praga que o mundo infesta,  
fazendo a festa dos seus sectários.

Eu sou exatamente o contrário:  
Um homem probo, reto e honesto.  
Por isso valho e portanto presto  
pra redimir o nosso proletário.

Como não posso guerrear sozinho  
busco soldados em outros quartéis  
bravos soldados e seus coronéis,  
que fui arrebatando no caminho.

Ontem relutei, hoje me alinho  
com qualquer um saiba dar um tiro.  
Seja uma sanguessuga ou um vampiro,  
seja um adulto ou um Garotinho.

## Outra Lisboa

Musa dos fados que ouvi cantar  
com seu sotaque de lusofonia,  
a derramar no Tejo em poesia  
a nostalgia para o além-mar...

Musa das musas que vi poetar  
tanto lirismo e melancolia,  
a soluçar o Tejo em agonia,  
atrás dos montes, em qualquer lugar.

Não te conheço a terra pisada,  
os cravos rubros daquela florada,  
que semeou o sangue lusitano.

Sou um poeta feito da garoa,  
um Fado tropical doutra Lisboa  
com um sotaque afro-americano.

## Extramuros

Homens caminham ao meu lado!  
Para onde será que eles vão!  
Lá fora o mundo é uma prisão  
albergue do presente e do passado.

São homens que deitam a solidão  
nas calçadas, pontes, viadutos...  
Crianças, adolescentes, são adultos,  
que se confundem com a poluição.

No pátio da prisão há os soldados  
guardando a liberdade extramuros,  
livrando os cidadãos e os seus futuros  
dos pobres criminosos lá guardados.

Os criminosos que vão pagar os juros  
da fabulosa miséria arrecadada  
nos calabouços, à porta fechada,  
das suntuosas mansões dos homens puros.



## **Inquilino da hipocrisia**

O sol apaga-se no firmamento  
e deita um raio triste na janela.  
Ao longe, o lusco-fusco da favela  
esconde a visão do sofrimento.

Na rua, uma moto em movimento  
abafa o latido de um cão.  
Ao lado, um edifício em construção  
parado no terceiro pavimento.

Minha janela é um monumento  
erguido pela mão da hipocrisia.  
A mão, que ora escreve poesia  
e doura a hipocrisia com talento.

A mão que hoje em dia dá sustento  
a tudo que neguei fazer um dia.

## **Cotidiano**

Todo dia faz tudo diferente:  
acorda-me ora as cinco, ora às dez;  
ora beija-me as mãos, ora os pés;  
ora dorme de costa, ora de frente.

Cada dia ela mais irreverente,  
como são as mulheres hoje em dia.  
Dia sim se derrama em poesia,  
dia não me apressa pro batente.

Bajula-me e me beija dia dez,  
dia onze não valho mais uns réis  
e assim vai até o mês que vem.

Me revista ora o bolso, ora a razão;  
ora acende, ora apaga-me o tesão,  
como fosse ora deus ora ninguém.

## **A dama do metrô**

Atiça fantasias e desejos  
por entre os estribilhos do metrô.  
Do corpo, insinuante, furta-cor...  
cintilam, sob a seda, os sobejos.

Os seios rijos, feitos dois andejes,  
procuram uma boca sequiosa.  
Os lábios, quais dois gomos cor-de-rosa,  
vagueiam boca a boca, beijo a beijo...

E segue, sem pudor, a bela dama,  
ardente de desejo, o peito em chama,  
a transbordar hormônios no vagão.

E vê, em cada homem embarcado,  
a máscara solene do pecado  
cair antes da próxima estação.

## **A hipocrisia nossa de cada dia nos dai hoje**

Político, eu sou, pois que sou gente  
e gente faz política todo dia.  
Quando reage ou quando silencia,  
faz-se política de modos diferentes.

Tenho ouvido vozes inclementes  
bradar aos sete mares seus juízos  
e contabilizar os prejuízos  
das vítimas que são, supostamente.

Quem sabe Deus, exista um ser vivente  
capaz de olhar pra si com olhar isento  
e de reconhecer -sem fingimento-,  
que não será honesto eternamente!?

Políticos somos todos, somos gente!  
E gente tem o dom da hipocrisia,  
quando defende ou quando sentencia  
o crime que alguém faz pela gente.

## **Carta aberta ao Papai Noel**

Papai Noel, envio esta cartinha,  
porque apareceu um portador.  
Peço desculpa aos seus e ao senhor,  
por conta do Natal que se avizinha.

Embora eu não seja escritor,  
de vez em quando escrevo algum soneto,  
tal como este, que ora lhe remeto,  
com pouca poesia e muito amor.

Meu nome de batismo é Herculano,  
menino de cinquenta e oito anos  
vividoss entre o sonho e a saudade.

Eu peço de presente ao bom velhinho,  
que ponha flores sobre o meu caminho,  
ainda que não sejam de verdade.

## **Autópsia**

Um maço de cigarros, um isqueiro,  
um copo derramado sobre a mesa,  
um livro (um romance de princesa),  
um cheiro de manhã no travesseiro.

Um dia de domingo em janeiro,  
um barco a deslizar numa pintura,  
um corpo que se despe sem censura,  
um trago de cigarro, o derradeiro.

Um verso a fustigar um pensamento,  
um bêbado dormindo ao relento,  
um poeta a procura de um motivo.

Um versinho qualquer, de pé quebrado,  
a volver mil lembranças do passado  
pra provar a mim mesmo que estou vivo.

## **Presente de Natal**

Na rede de dormir da minha infância,  
eu fiz um buraquinho, com o dedo,  
para enxergar o mundo em segredo  
e cutucar o medo à distância.

De lá eu escrevia o enredo  
de cada um dos sonhos de menino.  
De lá eu dava ordens ao destino  
como se o mundo fosse de brinquedo.

Da rede de dormir da minha infância  
restam-me os vestígios da fragrância  
das flores que plantei no meu quintal.

E uma dessas flores, eu me lembro,  
brotou em vinte e quatro de dezembro,  
e floresceu no dia de Natal.

## **Poeta sem musa**

Se eu pudesse lembrar da poesia,  
que cantei nos teus braços, meu amor!  
Se eu pudesse enxergar o sol se pôr  
com a mesma visão daquele dia!

Se eu pudesse sorrir como sorria,  
quando era não mais que um menino:  
um rascunho da pena do destino,  
uma nota a esperar a melodia...

Se eu pudesse viver como vivia,  
quando o verbo despiu a poesia,  
que vestia o meu sonho de criança!

Eu teria um acento no parnaso  
e uma flor (de verdade) sobre o vaso,  
que hoje trago vazio na lembrança.

## **Preterição ideológica**

O silêncio faz parte de três lados:  
o lado da coragem, o do medo (...).  
Em cada um dos lados, um segredo,  
em cada um segredo, "seus pecados".

Há o silêncio vil dos subornados,  
dos cúmplices, dos sonsos, dos canalhas,  
que acolhe e cerca o dolo (qual muralha)  
e esconde, até de Deus, os "seus pecados".

Há o silêncio probo da justiça,  
que afoga (qual areia movediça)  
e enterra os "seus pecados" em segredo.

Há, do silêncio, um terceiro lado (...)  
que espalha, sem segredo e sem pecados,  
e mente, e mata, e acusa, e não nem medo.

## **As palavras têm dois gumes**

Palavras são, de cada pensamento,  
a expressão da alma adormecida  
a espreguiçar, nos mantos de uma vida,  
o acordar de dúbios sentimentos.

Algumas vezes são nossos lamentos,  
que deitam, sobre o colo dos fonemas,  
todas as letras, versos e poemas  
ungidos pela dor dos sofrimentos.

Outras vezes, o ódio incontido  
das letras tortas da brutalidade:  
palavras cegas, grafos construídos,

na etimologia da maldade,  
pra corromper, das letras, o sentido  
e, dos fonemas, a sonoridade.

## Ler

—O mundo, filho! Diz o ancião.  
Cabe na tua curiosidade.  
E embora nos supere na idade,  
não nos supera em imaginação.

—Pega um livro como um avião:  
Cada página, um aeroporto;  
E voa na leitura, absorto,  
e o mundo passará por tua mão.

—O mundo, filho! Assim pondera.  
Dentro dum livro não é quase nada;  
cabe em uma página virada,  
como uma flor cabe na primavera.

—Apanha, pois, a flor tão bem guardada.  
Pega um livro, anda... não espera!

## Expectação

Poeta é quem finge ser poeta  
enquanto a musa explode de paixão.  
E finge, a todo custo, ser ladrão  
só pra roubar a dor que o completa.

Serei então poeta? Não sei, não!  
Não sei fingir! Roubar, nunca roubei!  
Não sei a quanta musa entreguei  
a dor que me atenta o coração.

Poeta é quem finge e, todavia,  
consegue transformar em poesia  
a dor com que divide a cabeceira.

Pesando assim, cheguei à conclusão,  
que para ser poeta há um senão,  
que hei de procurar a vida inteira.

## Tragédia

Amou com a saudade que sentia  
e a paixão que o tempo não matara.  
O seu amor era uma coisa rara  
qual uma estrela em plena luz do dia.

Amou de todo jeito que sabia  
e de um jeito que jamais amara.  
Adormeceu nos braços de Jussara,  
como Jesus nos braços de Maria.

Dia seguinte houve a despedida!  
Mais um adeus no colo da saudade!  
Ele beijou-a com ansiedade...  
o avião estava de partida.

Jussara o abraça, comovida...  
Ele entrega-lhe um envelope  
e sai depressa, como em galope,  
deixando para trás sua querida...

...O avião invade o céu nublado  
levando, de Jussara, o pensamento  
e a lembrança fresca do momento  
que estivera com o seu amado:

Cada gemido, cada beijo dado,  
o cheiro do amor em cada seio,  
a noite, que espantou o seu receio  
de cometer todo e qualquer pecado.

Volta pra casa com sua saudade  
que cresce mais e mais pelo caminho.  
O coração a murmurar sozinho,  
sem se dar conta da velocidade...

...Nuvens se desmancham em tempestade...  
Mais uma curva... perde a direção...  
A chuva lava o sangue pelo chão  
e a morte vela a fatalidade.

No chão molhado um envelope entreaberto...  
papel rasgado... se podia ler:  
—Estou doente, logo vou morrer.  
Levo comigo o teu amor, Alberto.

## **Alter ego poético**

—Não me agrada a tua poesia.  
Falou-me o poeta que há em mim.  
—A tua pieguice não tem fim,  
se eu fosse tu, jamais escreveria.

Falou... falou de mim, mas não sabia  
que eu, por ser o sócio do seu ego,  
podia enxergar com o olho cego  
e ver a sua inveja em agonia.

Então continuei, por teimosia,  
a rascunhar a vã caligrafia,  
sem que ao alter ego desse ouvido.

E creio agora que, neste momento,  
quando me vem um verso ao pensamento,  
ter alter ego já não faz sentido.

## **Adeus ao poeta Jorge Sales**

Amigo (velho amigo) fica em paz,  
na paz que a caminhada nos reserva!  
A carne segue a morte como serva  
nos moldes que alma também faz.

Não deixa teu adeus sofrer demais,  
pois o adeus é breve como a vida.  
Não pude ir à tua despedida,  
mas posso ouvir-te os passos siderais.

Descansa das algemas da matéria  
e bebe a liberdade que te espera  
no éter infinito do saber.

Reflete tuas crenças, teus valores...  
pra quando novamente tu te fores  
já tenhas aprendido a morrer.



## **Cético**

Na vastidão da vil atmosfera,  
mil fecalóides tingem a visão  
da pária descendente de Adão:  
mecônio despejado noutra era.

Já não floresce a rubra primavera  
e nem se sente o cheiro da esperança!  
O homem não espera ser criança,  
pois já nem sabe mais o que espera.

A utopia deu-se à besta-fera,  
danou-se a parir outras quimeras  
do sacrossanto barro hodierno:

O homem, esse algoz do humanismo,  
que vive a defecar seu egoísmo  
quer no azul do céu ou no inferno.

## **Arrependimento**

Aos trinta e cinco anos de casados  
nenhum sabia quem o outro era.  
Um era outono, o outro primavera,  
ainda que vivessem braços dados.

Ele um executivo aposentado,  
ela uma matriz progenitora.  
Ele com uma carreira promissora,  
ela um parto findo no passado.

O barco do destino passa ao lado,  
porém eles não ouvem o apito!  
As duas almas presas soltam o grito,  
que há muito jaz ali, silenciado.

Ah! como pesa o fardo carregado  
nos ombros sepulcrais do infinito.

## **Versos do anonimato ao preconceito**

Dileto amigo dos tempos doutrora,  
cada sujeito tem a sua hora  
de germinar o seu maior talento.

O teu é no aqui e no agora:  
dos versos tolos que jogaste fora  
na decomposição do pensamento.

Não sei quem pensas de quem seja eu,  
mas mesmo assim te dou um verso meu  
pra refletires, bem dentro do peito,

o quanto afloraria o teu talento,  
não fosses o eterno monumento  
erguido pelas mãos do preconceito

## **Estou chegando...**

Aceito teu convite companheiro  
e levarei o meu melhor sorriso;  
E chegarei sem que te dê aviso,  
pois o meu coração irá primeiro.

Levo uma flor para te lembrar do cheiro  
que a poesia empresta à amizade.  
Levo também um pouco de saudade  
para acender a luz do candeeiro.

Aceito teu convite companheiro  
e não esperes por que vou ligeiro,  
antes do trem de Minas apitar.

Não ponha a mesa, não arrume a casa,  
deixe apenas um café na brasa  
e um soneto pronto pro jantar.

## **Convite aceito**

Já antegozo minha estadia  
na freguesia de Minas Gerais.  
Ainda que eu ganhe um quilo a mais  
sentirei-me mais leve a cada dia.

Se no cardápio há tanta poesia,  
pra temperar o gosto do feijão,  
sinto no peito aquela sensação  
de que terei bem mais que merecia:

Um fado com sabores de Lisboa;  
uma bebida para rir à toa  
e uma rede pra me balançar.

Que mais, amigo, posso eu querer  
se me dás o dia todo pra beber  
e madrugada inteira pra sonhar?

## **Bordéis de saudades**

O que faço das saudades que em mim moram,  
Já que são sementes, já que são raízes!?  
Saudades das donzelas, as meretrizes,  
que emprestavam amor...Para onde foram?

Saudades da primeira namorada,  
do primeiro beijo, do primeiro abraço...  
seu peito em meu peito acertando o passo...  
a boca ansiosa, pequena morada

de um amor nascente como a luz do dia,  
mas que foi crescendo para eternidade...  
para encontrar Deus e virar saudade  
e, uma vez saudade, virar poesia.

O que faço das saudades que em mim moram  
Já que deram frutos, já que germinaram!?  
Saudades que os anos acalentaram,  
e que, pelas noites, os meus dias choram.

## Calendário

Hoje já é janeiro no meu sonho!  
Lá vem você com aquele olhar risonho  
de quem bebeu amor o ano inteiro.

A sua mão, na minha mão caduca,  
aperta forte, como quem machuca,  
até que o sol aqueça fevereiro.

Olho os seus olhos como sempre faço  
e sinto o gosto das águas de março  
a celebrar uma visão de abril.

A minha mãe sentada no quintal,  
o branco dos lençóis sobre o varal,  
o sol, forjando raios de soslaio,

pra aquecer meu coração-criança.  
Esta visão visita-me a lembrança  
quando abril estende as mãos pra maio.

Ao som de um violão, cai a neblina!  
Um cisco cai no olho da menina  
e enseja o choro que jamais caiu.

Aquele choro que molhou seu punho  
e só secou quando o luar de junho  
chegou ao céu a desfilar orgulho.

Seu coração de férias da escola  
batia leve qual jogo de bola  
na areia branca das manhãs de julho.

O sol se pôs um tanto a contragosto  
como se julho não quisesse agosto,  
feito um poeta que rejeita a rima.

Mas tinha um colibri, inda relembro,  
um beija-flor das flores de setembro  
luzindo cores feito obra-prima.

Um girassol tingia o chão de rubro  
como sangrasses o solo de outubro  
pra transfundir os dias de novembro.

Hoje já é janeiro! O que eu faço!?  
Preciso urgentemente de um abraço,  
antes que o sonho morra em dezembro.

## **A musa e o cantor**

Pela sarjeta, canto melodias,  
dia após dia, uma vida inteira,  
na esperança fria e derradeira  
de que hás de me ouvir como ouvias.

Minha canção é triste e corriqueira.  
Talvez mais triste que meu coração,  
que hoje bate fraco e sem noção  
atrás de uma musa verdadeira.

Não acredito mais que inda queiras  
ouvir a minha voz desafinada,  
pelas sarjetas de qualquer calçada,  
curtida de ressaca e bebedeira.

Mas, se teu coração não ficou surdo,  
talvez me ouças, apesar de tudo!

## **Metades**

Uma banda de ti ficou guardada  
por sob a saia curta de menina:  
a banda que animou a colombina,  
que se escondeu e nunca foi achada.

Outra banda de ti foi encontrada,  
como acaso, por um jardineiro,  
no dia trinta e um de fevereiro:  
da mesma forma também foi guardada.

As duas bandas foram separadas  
por um hiato do teu corpo humano  
e se afastaram com o passar dos anos  
e hoje já estão divorciadas.

A mais antiga, que foi encantada  
pelos feitiços de um pierrô,  
virou lembrança do primeiro amor,  
que vez por outra pode ser lembrada.

A outra banda, nunca mais foi nada  
virou lembrança de um amor qualquer,  
que sonha quando pode e quando quer

manter a colombina acordada

### **Abraço de amigo**

Abraço-te, poeta, como posso  
e posso muito menos que queria,  
mas dou-te neste abraço a poesia  
que faz o eu e o tu sentir-se nosso.

Abraço-te nos braços da alegria  
e com o coração da amizade,  
pois quando um abraço é de verdade  
até a alma fez o que devia.

Abraço-te, amigo, neste dia  
com cada um dos versos que te faço  
pra quando receberes meu abraço  
sentires deste amigo a energia

com que o Criador aperta o laço,  
que põe os corações em sintonia.

### **Literatagem**

Jamais hás de rimar amor e dor,  
nem falarás de flor, como suposto.  
Tu és quase um carrasco do bom gosto  
na tez de um literato: um proscritor!

Jamais hás de rimar amor e flor,  
nem falarás sequer do verbo amar.  
Amor e dor é rima tão vulgar,  
que os vates já não sabem onde pôr.

Hás de viver a eterna hipocrisia  
das convenções e das conveniências.  
Hás de viver apenas de aparências,  
a desfilar no chão da poesia.

Mas se um dia, pleno de humildade,  
sentires dor de amor, como castigo,  
tenhas certeza vou estar contigo  
pra te entregar o louro da vaidade.

## **Pintura poética**

Arco-íris alado, a borboleta  
desfila suas cores nas alturas,  
em meio a milhões de criaturas,  
que pairam pelos ares do planeta.

Voa, com sensual desenvoltura,  
ao lado de um fulgente beija-flor.  
A tarde ainda espera o sol se pôr  
enquanto as flores riem na pintura.

Na tinta do poeta, a poesia  
respinga, com soberba maestria,  
a cada movimento do pincel.

Enquanto a borboleta e o beija-flor  
elevam o talento do pintor  
até o infinito azul do céu.

## **Os girassóis de Van Gogh**

Se cada girassol, um sol esconde  
e há um sol em cada primavera:  
um sol, bola de fogo, fulva esfera,  
que vive a esconder-se não sei onde!

Se cada girassol um sol espera  
e há um sol em cada horizonte:  
um sol que é de luz, imensa fonte  
que vive a iluminar tanta quimera!

Por que será que a arte não esconde  
do girassol, o sol que ora responde  
o apelo tão sublime do pintor!?

É que os girassóis, numa pintura,  
recriam cada sol de amargura,  
que faz a um girassol perder cor.

## **Moisés**

O cinzel, a palmear a pedra bruta,  
vai dando forma à luz do pensamento,  
enquanto o artista, em movimento,  
parece preparar-se para a luta.

Aos poucos uma imagem se avulta  
e a metamorfose tem início.  
E o artista opera seu ofício  
pronto a fazer a flor forjar a fruta.

Quando o último golpe se aproxima,  
o mundo já vislumbra a obra prima  
e cai, em reverência, aos seus pés.

E até o próprio artista, embevecido,  
pensou naquele instante ter ouvido  
a voz petrificada de Moisés.

## **Mona Lisa**

O olhar posto a pasmar o infinito  
em troca de um esboço de sorriso,  
empresta, à face pétrea de granizo,  
a aura que circunda o novo mito.

Da Vinci foi buscar no paraíso,  
a tela, o pincel da criação  
e as cores da costela de Adão,  
onde seu criador perdeu o siso.

Dia após dia, a bela Mona Lisa  
com seu sorriso tênue, como a brisa,  
passou, de mão em mão, qual meretriz.

Hoje, ao som da lira de Orfeu  
e os gritos figadais de Prometeu,  
repousa sob um manto de verniz.



## **Pintando versos**

Fosse eu nesta vida o que queria,  
seria a própria alma do pintor!  
Não sei se alma tem alguma cor,  
mas minha alma alguma cor teria:

Matiz de paz, amor e poesia  
num arco-íris vivo, uma aquarela.  
E assim, teria eu, alma tão bela,  
que, de tão bela, nunca morreria.

Mas se a morte fosse uma pintura,  
decerto ela própria deixaria  
a minha alma presa na textura,

até virar pintor, como eu queria.  
Mas, por não ser pintor, a essa altura  
faço das letras minha alegoria.

## **Augusto dos anjos renegados**

Se eu pudesse fazer ressuscitar  
em cada uma palavra a dor amiga,  
decerto escreveria uma cantiga  
com tudo o que há na terra e no mar.

Seria uma cantiga invulgar!  
Feita de um mar hostil e diferente:  
o mar em que a lama afoga a gente  
e os vermes vêm juntos festejar.

E se pudesse rir, riria junto,  
nos ombros do poeta, qual defunto,  
em comoção de abutres na carcaça.

E a morte, qual um verso de Augusto,  
no último terceto, a todo custo,  
enfim daria o ar da sua graça.

## **Balé em versos**

Pé ante pé, os braços na cintura.  
O pulso acelerado, a boca em fogo.  
Os seios a jogar o antigo jogo  
que faz a lucidez virar loucura.

A noite acordada e, a essa altura  
os sonhos, aos bocejos, vêm à tona.  
Os olhos, ao sabor da beladona,  
enxergam a entrega e a procura.

Há uma luz nas luzes da ribalta  
e outra luz, à sombra da cortina,  
que ilumina a parte da retina,  
em que se dá a vista do que faz falta.

O assovio doce de uma flauta  
sopra paixões aos pés da bailarina.

## **Preparando a tela**

Pincel na mão... a arte espreguiça!...  
A tela a reclamar em sua frente!  
O coração esconde a dor que sente,  
enquanto a mão espera, submissa!

A arte é qual areia movediça:  
instável, imprevisível, traiçoeira...  
que mata, de feitiço, a feiticeira  
e peca, sem pudor, após a missa.

Pincel na mão... a arte chega à tela!  
No coração a dor já se revela  
e a mão espalha as cores na pintura.

A arte sobrepõe-se à ciência:  
não pede e nem espera a anuência  
da mão da sanidade, ou da loucura.

## **Uma tela imaginária**

O mar dá-se inteiro ao sol nascente  
que deita fulvos raios no horizonte!  
Eu ponho-me a pensar, por um instante,  
que Deus pintou o Éden em minha mente!

Então... despudorado, rubro e quente,  
meu pensamento estupra a pintura.  
Meu coração, despido de censura,  
põe-se a duvidar que eu seja gente.

No beijo incestuoso, o sol e o mar  
avisam Deus que é hora de assinar  
a sua autoria divinal.

Mas Deus, com aquele jeito displicente,  
põe-se a rabiscar o sol poente,  
enquanto eu tiro as roupas varal.

## **Palco da manhã**

Hoje, nesse domingo esfumaçado,  
o tempo se esvai pela janela!  
A poesia, tola Cinderela,  
deixou a carruagem do outro lado.

O sol, o velho príncipe encantado,  
ainda dorme triste a longa espera  
por sobre o lençol da atmosfera  
cerzido nas ruínas do passado.

O vento tange o orvalho da paisagem  
enquanto emite, sem pedir passagem,  
seu fino e melancólico assobio.

E eu, um Dom Quixote sem moinho,  
pra não viver e não morrer sozinho,  
abro a janela e deixo entrar o frio.

### **Um soneto ao ocaso**

Fim de tarde! Cadeiras na calçada...  
vodca, limão, gelo e poesia!  
O mar espuma verso e maresia  
num beijo de marola enamorada.

E eu, batata frita bem salgada,  
a desmanchar-me todo, em paladar,  
ouço uma brisa fresca assobiar  
como se fosse lira recitada.

O sol, que já batia em retirada,  
volta matreiro, dá uma espiada  
como fosse tomar a saideira...

flerta c'oa lua antes que anoiteça,  
aquece os meus versos na cabeça  
e dorme em um soneto a noite inteira.

### **Visão do entardecer**

o sol, à luz de vela, no horizonte  
espargue raios fulvos ao relento...  
como se só houvesse esse momento  
e nada mais no mundo doravante!

Um tom vermelho-pálido minguante  
tinge o azul na linha do poente!  
Ao longe, uma estrela penitente  
pisca no infinito mais distante!

Meu coração instiga a retina!  
Dos olhos, uma gota cristalina  
transborda e embota a visão.

O sol, agora sombra refulgente,  
reclama um lugar na minha mente  
enquanto desocupa o coração.

## **O acordar no Pantanal**

O sol nadando nas águas  
reflete o céu como espelho!  
Inunda, de tons vermelhos,  
o rio e as minhas mágoas.

Dos olhos, a correnteza  
leva um sonho de criança,  
uma lágrima que dança  
a chorar tanta beleza...

Tanto amor, tanta saudade,  
tanta paz e tibieza...  
Chorar com intimidade,

chorar com delicadeza  
de quem chora, na verdade,  
com os olhos da natureza.

## **Pôr do sol**

O mar oferece calmo ao sol ardente  
o seu leite, inda frio, de amante,  
numa explosão de cor, exuberante,  
que é impossível apagar da mente.

O sol de, despudorado, rubro e quente,  
desmorona atóis em fulvos sentimentos,  
deita seu flâmeo furor por um momento  
nas nuvens algodoadas do poente.

Dá-se, então, o beijo entre sol e mar  
e anuncia a Deus que é hora de dormir,  
pois até Ele também tem que sonhar;

o sonho humano de que faz surgir,  
toda a beleza que se possa olhar,  
no olhar do amor que se possa sentir.

## **A última ceia**

Assenta-se, ao centro, imponente,  
a repartir o pão de cada dia  
co'a mão de quem declama poesia,  
mas "em verdade" esconde a dor que sente.

Olhar de quem sentiu (e ainda sente)  
a dor de quem cumpriu uma sentença.  
A dor que, qual um traço de nascença,  
repousa no olhar da sua gente.

A voz, emudecida na pintura,  
esconde a invisível amargura,  
que fustigou o peito do artista.

A tela aceita o beijo do pincel,  
enquanto a arte paga o aluguel  
e faz o mundo inteiro de avalista.

## **Flagrante da janela**

Estou olhando o mundo pelo vidro  
do meu embaciado escritório.  
E vejo o que é público e notório,  
mas que eu, mesmo assim, inda duvido.

Do lado do sereno, um mendigo  
suplica o seu antigo "amor de Deus" ...  
E passa muita gente, como eu,  
que julga merecido seu castigo.

Mantenho o meu vidro embaçado,  
tal qual o meu vizinho doutro lado  
e todas as janelas da cidade.

O frio beija o vidro sem tramela  
e eu, no meu jantar à luz de vela,  
congelou o coração sem piedade.

## **Aurorescer**

É noite de uma bela e doce tarde!  
O sol apõe ao céu sua rubrica.  
A lua, feito luva de pelica,  
toca a estrela Dalva, sem alarde.

Há uma mancha parda que encarde  
o chão, ante o azul do firmamento,  
como lembrança fresca do momento  
em que o sol se pôs na sobre tarde.

É madrugada... o dia se enfeita  
com restos do luar que ora se deita  
por sobre a manhã agradecida.

O sol, de barbas fulvas, se espreguiça  
e faz toda beleza submissa  
aos dons que a natureza empresta à vida.

## **Trabalho de parto**

E eis-me a pressentir neste momento  
a dor da criação, que se anuncia!  
Alguns minutos mais e a poesia  
há de chorar um "verso-nascimento".

O parto é tão sofrido, quanto lento!  
A dor é instigante e emergente,  
como um brotar de luz do sol nascente  
ou o bailar da chuva sobre o vento.

Meu coração sacode, e chora, e sente,  
e subjuga o soma, a dor, a mente...  
até que se complete a criatura.

E finalmente à dor impõe-se a vida:  
a poesia escorre comovida,  
qual um pingo de tinta na pintura!

## **Matiz da solidão**

O meu passado andava pela areia,  
qual sombra do presente no caminho,  
enquanto eu desdenhava o colarinho,  
como se a vida fosse coisa alheia.

Do mar, zunia os cantos das sereias  
como soluços, náufragos de amor,  
enquanto eu desmanchava de calor,  
como se o sol queimasse minhas veias.

Do vento, um espiral redemoinho  
tangia as lembranças pela areia,  
enquanto a preamar da lua cheia  
lavava o cheiro do buquê do vinho.

Do céu, um véu de luz azul-marinho  
cobria a solidão com sua teia.

## **Naquele dia de verão em que choveram flores vermelhas**

O sol, o mar, as dunas de areia...  
O vento morno a sibilar cantigas  
tange os cabelos de uma rapariga  
e o desejo que por mim passeia.

Ao longe... o cantar de uma sereia  
faz a segunda voz da poesia.  
E, absorto, em plena luz do dia  
construo o meu castelo de areia.

Era um verão com cor de primavera,  
como posasse pra fotografia.  
E lá estava, eu, em sintonia,  
no meu castelo a esculpir quimera.

De repente o vento aquiesceu.  
O sol escondeu-se atrás do mar.  
Não mais ouvi a sereia cantar:  
quedamos, frente a frente, tu e eu.

Vi dos teus olhos lágrimas parelhas  
quais gotas de orvalho em profusão.  
E por milagre, naquele verão,  
choveram dúzias de flores vermelhas.



## **A arte de Pastorelli**

Abraçam-se amores-carocóis  
quais sombras sensuais do abstrato.  
A alma se revela em um retrato  
qual fosse uma centelha de dois sóis.

A ceia do artista tinge o prato,  
enquanto eriça o seio da paixão,  
que, rijo, se entrega à mesma mão  
que torna cada risco um mesmo ato.

A poesia brinca em cada traço,  
como se apertasse o abraço  
até chegar ao ponto de fusão.

E cá, do outro lado da vidraça,  
há um poeta grato pela graça  
de ter o privilégio da visão.

## **O só e sua sombra**

Era um morto-vivo. Um vegetal.  
Um faz de conta sem qualquer história,  
que cedo deu a mão à palmatória  
e fez co'a morte pacto conjugal.

Natimorto , um vácuo cerebral,  
não via, não falava, não sentia...  
Não sabia, de fato, se existia;  
se era gente ou um animal.

Aos vinte e cinco anos dessa vida,  
-nem mesmo anunciou a despedida-  
fechou os olhos, cego, sem lembrança...

e faleceu sem que tenha vivido,  
deixando, de herança num gemido,  
a dor que carregou desde criança.

## **Delírio poético**

No último suspiro do ocaso  
o sol afaga o cimo da montanha  
que, de tão tola, inda hoje sonha  
ser a mais bela musa do parnaso.

A lua, de ciúme, aperta o passo  
para chegar mais cedo ao poente.  
O céu se esmorece, de repente,  
como quem se prepara pro abraço.

A flor verga o talo, insolente!  
O coração do mundo faz que sente  
a brisa que refresca a poesia.

Apenas o poeta, esse demente,  
consegue crer que vê, à sua frente,  
a cópula da noite com o dia.

## **Flagrante**

À sombra de um livro de poemas  
dormem os olhos verdes da menina!  
O mar revolve a areia, branca e fina,  
enquanto uma gaivota bate pena...

Chapéu de palha -sombra pequenina-  
protege-lhe os sonhos de verão,  
enquanto o vento morno varre o chão  
e o sol bate-lhe às portas da retina.

À sombra da menina, a poesia  
avulta-se em versos, rodopia...  
e torna o belo muito mais perfeito.

E eu, que era um poeta de passagem,  
pus-me a rabiscar tão bela imagem  
na tela imaginária de um soneto.

## **Um fio de esperança**

Eu vi, com estes olhos que são meus  
e que um dia foram de um poeta,  
a obra mais sublime e mais completa,  
que se atribui à dádiva de Deus:

um fim de tarde, o canto de um sofreu;  
o sol lambendo a terra ressequida;  
um carcará em voo de descida,  
com o ar dolente de quem não comeu.

Uma savana, um ninho de anu;  
as flores de um senil mandacaru,  
que teima em viver por mais um dia.

Eu vi, e trago insone na retina,  
quando uma gota d'água cristalina  
veio avisar à terra que chovia.

## **Diálogo solitário.**

Hei! Você tá lendo este poema, não?  
Saiba que fiz pra que você soubesse  
o quanto um poeta agradece  
alguém ter lido a sua inspiração.

Este poema é a constatação  
de que um poeta é um parasita,  
que sobrevive porque acredita  
tenha um lugar na imaginação.

Hei! Você aí, que lê com atenção.  
Se encontrar um verso sem sentido,  
não liga não... se faça de entendido...  
ponha outro verso e uma exclamação.

Leia em voz alta com encenação;  
Declame como o verso fosse seu.  
Não interessa a mão que escreveu  
se ninguém leu com a voz do coração.

## **Tua lembrança**

Tua lembrança vive na lembrança  
de todos os poetas do Parnaso.  
E até Deus, e não por um acaso,  
lembra e, de lembra-se, não se cansa.

Cada soneto teu, que o céu alcança,  
deixa outro soneto aqui na terra,  
pra quando a paz ruir aos pés da guerra  
restar ainda um pouco de esperança.

Poeta! minha musa, eu te digo:  
tua lembrança vai viver comigo  
até que Deus me tome o pensamento.

Viver na perfeição do imperfeito,  
qual verso desgarrado de um soneto  
atrás da solidão do firmamento.

## **O só e sua sombra**

Era um morto-vivo. Um vegetal.  
Um faz de conta sem qualquer história,  
que cedo deu a mão à palmatória  
e fez co'a morte pacto conjugal.

Natimorto , um vácuo cerebral,  
não via, não falava, não sentia...  
Não sabia, de fato, se existia;  
se era gente ou um animal.

Aos vinte e cinco anos dessa vida,  
-nem mesmo anunciou a despedida-  
fechou os olhos, cego, sem lembrança...

e faleceu sem que tenha vivido,  
deixando, de herança num gemido,  
a dor que carregou desde criança.

### **De volta ao futuro**

Tu és do Nélon seu melhor Rodrigues!  
Portanto peço, amigo, que não brigues  
por este amigo divergir de ti.

Entendo os valores que cultuas  
mas há rumores frescos, pelas ruas,  
de que a flor vermelha vai se abrir.

Inda que não toleres o perfume,  
peço-te, meu amigo, não arrumes  
algum pretexto para lhe impedir.

Eu temo que não tenhas argumento  
para mudar o rumo que do vento,  
há de levar o pólen ao porvir.

Tu é de Nélon o último Rodrigues!  
Portanto peço, amigo, que não brigues  
pois nela há de brotar perto de ti.

### **Autopsia quase alexandrina**

Ao dissecar os tomos da anatomia  
e esquartejar o corpo exangue do poeta,  
entrei, por uma artéria, na via secreta,  
que acessa os dois lados da dicotomia.

Ao auscultar-lhe o peito, que já não batia,  
ainda pude ouvir o suspirar da morte  
como se já soubesse e esperasse o corte,  
enquanto a carne inerte nada mais sentia.

Tolo poeta deu-se mais do que devia!  
Doou a cada sonho e cada fantasia  
a seiva da paixão do seu e doutros mundos.

Viveu acalentando a dor e o sofrimento,  
na ânsia desditosa de tomar assento  
ao lado de imortais e bardos moribundos.

## **Miragem**

Brilhava um grão de areia indiscreto,  
por sob o pelo fulvo de uma deusa,  
quando, refém aos dons da natureza,  
o meu olhar passou ali por perto.

O mar, deitado sob o céu aberto  
a espriar espumas na areia,  
olhou-me como quem faz cara feia  
ou como eu fosse areia no deserto.

O vento assobiou uma canção,  
o sol cozeu a cores do verão  
e juntos conspiraram. Inda assim...

o grão de areia riu indiferente,  
brilhou ainda mais e, de repente,  
a deusa deu-se em versos para mim.

## **Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos**

Augusto, um poeta magistral,  
se imortalizou como devia:  
Deu a todos os versos que fazia,  
o dom da sua verve genial.

Morria, em cada verso, ao final,  
para ressuscitar, em poesia,  
o verbo que de dor se condoia,  
enquanto ensaiava o funeral.

Dos Anjos! Ostentava o sobrenome.  
A morte aplicava-lhe a fome  
e a dor, solene musa, a razão.

Augusto foi bem mais do que um vate.  
Foi um penhor que Deus pagou à arte  
quando poetizou a criação.

### **Sonetando, apenas...**

Se em fazer soneto há um segredo,  
eu te confesso, amigo, desconheço.  
A poesia nunca tem começo:  
hoje mais tarde, amanhã mais cedo...

Fazer soneto, faço por brinquedo:  
Sigo as batidas do meu coração,  
escrevo o verso como uma canção  
e ponho minha alma no enredo.

Não me ocupo em tomar medida;  
não conto uma sílaba sequer;  
deixo fluir do jeito que vier  
e dará luz à sua própria vida.

O arremate das imperfeições  
eu ponho no costado de Camões.

### **A um poeta**

Por conta do pedido de um poeta  
(um bardo de soberba inspiração)  
desses que falam com o coração  
e cotam suas coisas mais secretas:

eu hoje canto um verso de paixão  
e digo que a paixão acende o sexo,  
tal qual o simples faz com o complexo  
e fantasia faz com a razão.

Encontre, meu poeta, por favor,  
nalgum lugar um verso de amor  
que possa fazer jus ao teu talento.

E assim eu vou dormir na santa paz,  
pois só a poesia é capaz  
de traduzir a voz do pensamento.

## **Dançando na chuva de poesias**

No dia em que chover um só poema,  
Mil arco-íris vão tirar o véu.  
Mas se chover a torto e a granel,  
A arte há de alcançar a luz suprema.

A chuva é como um tango de Gardel  
A instigar os pés da bailarina,  
Que guarda, passo a passo, na retina,  
A dança das estrelas pelo céu.

No dia em que chover um só poema,  
Eu vou dançar na fita de cinema,  
Qual Fred Astaire, até a exaustão.

E quando o sol disser que é domingo  
E não houver, da chuva, um só pingo,  
Vou entregar-me a Deus em oração.

## **O ciclo vicioso da poesia**

Quando a procura acha o procurado  
toda a noção do tempo é perdida.  
Inda que dure mais de uma vida,  
não se dá conta do tempo passado.

Quando o poeta encontra o ser amado  
toda a paixão exulta em poesia.  
Inda que o verso não saiba, existia  
antes, bem antes, de ser pronunciado.

Quando, do homem, a razão se esvazia  
pra que o amor lhe domine o pensamento.  
A poesia se torna o elemento  
que oferece o quantum de energia.

Quando o poeta pensou ter encontrado,  
não encontrou realmente o que queria,  
pois, se encontrasse, de certo, morreria  
antes, bem antes, que fosse sepultado.



### **Poesia a um poeta "pé no chão".**

Eu quero a poesia pé no chão,  
De qualquer palavra, língua ou dialeto...  
De um literato ou de um analfabeto,  
pois pra ser poeta basta inspiração.

Eu quero, à poesia, dar vazão  
em qualquer formato, livre ou com rima,  
Pois cada poeta tem sua obra prima,  
seja por metáforas ou com o pé no chão.

Portanto meu poeta, meu irmão,  
um "nada contra" não é pura negação,  
mas um afago de poeta, um carinho!

E a nós poetas resta-nos, portanto,  
agradecer a ti e a outros tantos  
por não deixar-nos poetar sozinhos.

### **Por falar em flor...**

Forjar de uma flor a poesia  
é fácil, muito fácil, meu poeta!  
Pois, ao brotar, a flor já vem repleta:  
cada detalhe traz a poesia!

Forjar amor, da alma, em poesia  
é fácil, muito fácil, meu poeta!  
Pois o amor é obra já completa,  
capitulada pela poesia.

Difícil é forjar, da poesia,  
a flor que, em delicada peloria,  
gemula o mais puro esplendor...

Fazer brotar do pólen, do perfume...  
o lirismo, que ora se presume,  
empresta, à poesia, uma flor.

## **A minha poesia**

A poesia é onda magnética,  
gerada da fissão dos sentimentos.  
E cada hertz é um movimento  
das letras que oscilam na fonética.

A poesia é soma de momentos  
adicionados pela dialética.  
E cada instante, a fração elétrica,  
que anima, no poeta, um pensamento.

Por que será que há tanto tormento  
nos versos que eu ponho na cinética,  
ainda que ordem alfabética,  
a rima se desfaz a cada acento!?

Quiçá a poesia que eu tento,  
não gere uma onda magnética.

## **Hóspede da poesia (Musa poética)**

Sou eu quem vive em tua poesia,  
como um verso dado ao criador,  
que ao enxergar-te com o seu amor,  
sente o divino orgulho de sua cria.

Se Deus soubesse quantas noites frias  
dormi teus versos soltos no meu peito,  
sonhei teu corpo me inundando o leito,  
se Ele soubesse... compreenderia...

Porque me escondo em cada verso teu  
por trás dos pontos de exclamação  
e apareço, em tua inspiração,  
nas reticências que Ele nunca leu.

Oh! minha musa, Deus não te conhece.  
Conhece apenas, do teu coração,  
um pedacinho da minha paixão,  
que se acorda quando adormeces.

## **Amigos na poesia**

Vi um poeta lúcido, em versos,  
a desbravar caminhos pouco andados  
e consertar sonetos mutilados  
pelo furor dos verbos mais perversos.

E vi, também, seu o peito submerso,  
quase afogado em minha inspiração,  
escancarar-me o seu coração,  
como se fosse a porta do universo.

Seu coração, umbral da poesia,  
maestro de corais de cotovias  
e recitais de homens de verdade.

Eu vi esse poeta, num poema,  
esvaziar o pus de um empiema  
e transformar repulsa em amizade.

## **Bastardo da poesia**

Poetas defectivos, como eu,  
vivem das rimas adverbiais,  
a repetir, até não querer mais,  
as sinonímias do que escreveu.

Pisam nos calos intelectuais  
dos radicais do etimologismo,  
a pugilar com seu neologismo,  
levando-os a nocautes culturais.

Poetas como eu são tão banais,  
quanto a cachaça de um botequim  
e os tira-gostos de amendoim,  
que adornam dejeções intestinais

das cibalosas mentes magistras,  
que seguem atrás da lexilogia...  
Poetas como eu são hoje em dia,  
bastardos da poesia e nada mais!

## **Um deus piegas**

Refúgio das musas, dos seus amores;  
dos corações que, fúteis, se derretem;  
dos versos tolos em que se convertem  
dando vazão, do peito, os dissabores...

Os corações que fluem em poesia  
fazendo estrelas derramarem versos  
até que se inunde o universo  
em que as musas rasgam fantasias

e voltam para terra novamente,  
qual cria dum poeta embriagado,  
na labuta da rota permanente:

Sonhar a musa, o cio regado  
d'onde Deus escolheu uma semente  
d'amor, de poesia, de pecado!

## **Geografia do prazer**

Langue, a língua lambe o rijo o seio  
e outros relevos da anatomia,  
segue escrevendo a erotologia,  
cindindo o preconceito pelo meio.

E, bolinando a carne sem receio,  
traça a geografia do prazer  
por onde haverá de percorrer  
lascivo bosque e encontrar o veio.

Núbil, o corpo doa-se combalido.  
Transpira de prazer e, agradecido,  
unta-se dos fluidos naturais.

E, então, completamente relaxado,  
bendiz a natureza do pecado,  
e, ofegante... peca um pouco mais.

## **Primícias**

Pela primeira vez na existência  
traiu-me a poesia, a razão!  
O cérebro rendeu-se ao coração  
e o coração rendeu-se, em anuência.

Então eu tive a clara evidência  
de que era poeta. Todavia...  
meu coração há muito já sabia,  
bem antes que eu tomasse consciência.

Cerzi um verso tímido -o primeiro-  
ao corpo de um soneto que nascia.  
E, assim, de verso em verso, dia a dia...  
cerzi o verso primo ao derradeiro.

De lá pra cá me rendo, por inteiro,  
e hoje sou refém da poesia.

## **Um ciclo de desejo**

A fome e o alimento, em sinergia,  
percorrem as nuances do desejo.  
A boca, entreaberta, engole o pejo  
e atíça ao mesmo tempo em que sacia.

E os amantes varam a noite fria,  
e crepitam, qual fogo na lareira,  
as rubras flamas, tórridas fogueiras,  
até o sol raiar um novo dia.

Dos corpos nus exala a poesia,  
que arrefece a febre da paixão  
e acalma, até chegar à lassidão,  
a ânsia que a noite inebria.

E dormem, finalmente, saciados,  
e sonham com o clímax da paixão,  
e docemente, enfim, dão-se as mãos  
pra consumir o sonho, acordados.

## **Desnudada**

Tirei, às pressas, parte do vestido  
que lhe cobria a rima genital.  
Ouvi o seu gemido, em recital,  
como a segunda voz do meu gemido.

Meu coração, outrora possuído  
pelo desejo febril da poesia,  
chorou... e, a partir daquele dia,  
parece nunca mais haver batido.

Hoje, quando me vem a inspiração,  
os versos dão lugar para a paixão:  
morre o poeta, nasce o desejo!

A rima é nada mais que abertura:  
a fenda sob a linha da cintura  
que clama, loucamente, por um beijo.

## **Olhar fecundo**

A balouçar as nádegas sensuais  
e respingar o mar pela areia,  
a bela Eva vai e segue alheia  
aos olhos que, famintos, pedem mais.

Ao lado alguns poetas comensais  
beliscam poesia à milanesa  
e cospem versos, bêbados, à mesa,  
sob o olhar descrente dos casais.

A tarde abre um sorriso complacente,  
enquanto dá-se o bote da serpente  
à sombra dos pomares de Adão.

Quem pode imaginar esse momento,  
pode enxergar além do pensamento  
e ver da poesia, o embrião.

## **Cio**

A flor de Vênus abre-se completa  
e verte o orvalho do desejo.  
Eu finjo que não sinto, que não vejo,  
pois que fingir é coisa de poeta.

A flor, cada vez mais e mais aberta,  
contrai-se e relaxa a todo instante.  
Eu finjo que min'alma está distante,  
à caça de uma nova descoberta.

Mas, qual um colibri alado em cores,  
meu corpo se desfaz dos seus pudores  
e embota os pruridos da razão.

E eu poeta, escravo do instinto,  
mergulho nos profundos labirintos,  
que guardam corpo e alma em comunhão.

## **A arte obscena do prazer**

As pernas descompostas, contraídas  
por sobre o colo insone do amante,  
apertam-lhe as ancas soluçantes,  
para sentir mais fundo as investidas.

O pênis em visita incessante  
à boca emudecida de desejo,  
em pouco há de jorrar em um lampejo,  
o gozo de prazer alucinante.

A língua da amante, intumescida,  
põe-se a mensurar em que medida  
pode sorver a seiva da paixão...

Então... geme a vulva um ai premente  
e chega, enfim, à boca o jorro quente  
que queima da garganta ao coração.

## **Primeiro ato**

A vulva entreaberta, ansiosa...  
como quem chora pelo falo rijo,  
deixa à mostra seu esconderijo  
de úmidas paredes cor-de-rosa.

Eis a intimidade amorosa  
a retirar, do véu da criação,  
a força imantada da paixão,  
que leva O beija-flor até a rosa.

Findo o apogeu -primeiro Ato-  
sede a tensão à paz misteriosa  
que apaga a larva turva do vulcão.

A paz que habitava o paraíso  
quando um certo Adão, a seu juízo,  
roubou, do próprio deus, a tentação.

## **Segundo tempo**

À sombra da nudez em que descansas  
deita o meu corpo nu, extasiado.  
O falo augusto dorme saciado,  
aos pés de Vênus, sob suas tranças.

As duas pernas, quais duas crianças,  
abrem-se no sorriso pubiano,  
deixando à mostra o sacro e o profano,  
a celebrar antigas alianças.

A tua mão ousada, distraída...  
toca-me o falo atrás d'alguma vida,  
até sentir o sangue da paixão

a inundar o sono do guerreiro,  
que se ergue num golpe tão certo...  
penetra a carne e sangra o coração.



## **Bendito fruto**

E bate, e pulsa, e chora o coração  
a lágrima que ri... que é de prazer...  
E bate e pulsa a não mais querer,  
posto à mercê de ti, em comunhão...

Tu és minha rainha do senão,  
do faz de conta que eu sou o rei  
que escravizado pela tua lei  
traz o pudendo como coração.

E bate, e pulsa, e chora de tesão  
no choro convulsivo da paixão,  
que se desfaz do ser desvirginado.

Uma paixão que é pura e verdadeira,  
que bendissera a gota derradeira  
ao lacrimar o hímen perfurado.

## **Livro**

Um livro, meu poeta, se escreve  
quando a inspiração dá no papel  
o beijo, que ainda hoje serve  
para abrir os braços de Nobel.

Como uma abelha pronta para o mel,  
ou uma flor que vai gerar um fruto,  
ou um lampejo rútilo no céu  
anunciando a chuva em um minuto.

Um livro, meu poeta, é como um sonho,  
que finalmente atinge o tamanho  
daqueles que já têm maturidade.

E mesmo que ninguém o tenha lido,  
há de tornar-se o sonho preferido  
quando vier a ser realidade.

## **A caça**

A mira na cabeça... o caçador  
aperta o gatilho: o ribombo!  
Na pele colorida vê-se o rombo  
e a morte pinta o quadro doutra cor.

A fauna consternada vê o tombo  
e a réstia enfumaçada na culatra.  
O chumbo expelido, cor de prata,  
estanca o sangue quente, feito trombo.

O caçador assim protagoniza,  
enquanto a caça inerte agoniza,  
a besta humana sem tirar nem pôr.

Era uma ave fêmea em gestação:  
uma pavo triste sem pavão,  
que orna o troféu do caçador.

## **Fale comigo**

Acode-me, meu Deus, morreu Neruda!  
Quem há de traduzir o meu amor?  
Acode-me, ó Deus, nosso senhor!  
Não vês que eu preciso de ajuda?

Acode-me, Neruda, por favor!  
Quem há de traduzir os versos meus?  
Acode-me, Neruda, pois que Deus  
há muito já não ouve meu clamor!

Acode-me, meu Deus, por teu amor,  
pra quando finalmente eu me for  
eu possa encontrar a tradução

dos versos que Neruda fez pra mim.  
Pois quando um soneto chega ao fim,  
só Deus pode assinar a criação.

## **Incógnita**

Há um sentido a mais na poesia  
do que visão, olfato, tato, gosto...  
Há um sentido a mais, que é oposto  
a tudo o que na vida o homem cria.

É algo que a morte se apropria  
ao apagar as luzes da retina  
e descerrar o pano da cortina  
no palco em que a vida se escondia.

Há um sentido a mais em ser poeta  
do que sentir a dor da própria cria.  
É algo que a morte se apropria  
quando o ciclo da vida se completa.

Há um sentido a mais na poesia  
que a morte nunca rouba do poeta.

## **Divagação do estro**

E por eu ser poeta é que vos digo,  
que a riqueza está na poesia.  
Ainda que eu tenha a mão vazia  
há sempre o apertar de um amigo.

Nasci poeta e penso, cá comigo,  
que vou morrer poeta tão somente.  
Meu estro, que no peito dói e sente,  
chora bem muito mais do que consigo.

A brisa, o vendaval, a tempestade...  
convivem, sem temor e sem maldade,  
no mar em que navega minha entranha.

E por eu ser poeta, a dama morte  
ao vir selar de vez a minha sorte,  
há de curvar-se à dor que me acompanha.

## **Mitografia poética**

Se pensas que poetas nascem feitos  
e vivem pelo o dom da poesia,  
e passam, por um passo de magia,  
a poetar o que lhes vem no peito!

Se pensas que poetas são sujeitos,  
que tentam traduzir a divindade...  
Digo que há mais mito que verdade,  
pois às virtudes somam-se os defeitos.

Poetas são de fato e de direito  
herdeiros naturais do imperfeito,  
que sonham atingir a perfeição.

São como um projeto no papel  
a esperar que Deus mande do céu  
a pedra angular da construção.

## **Verso sem rumo**

Eu hoje, sem querer, pensei na vida:  
em tudo que já fiz e muito mais...  
Pensei nos meus irmãos e nos meus pais;  
na hora da chegada e da partida.

Pensei no sangue exposto nos jornais;  
pensei também na noite mal dormida  
nos braços de Maria Aparecida,  
que desapareceu dos meus quintais.

Eu hoje, sem querer, pensei em mim:  
em tanta coisa boa e ruim,  
que até me deu vontade de ir embora!

Mas como hei de seguir o meu intento,  
se sempre esperei pelo momento  
de ver o trem partir antes da hora?

## **Conceptismo**

Nem só de poesia vive um poeta,  
mas do suor profuso ao laborar a pena  
para tornar a dor do parto mais amena  
enquanto o embrião da musa se completa.

Não há uma só musa, mesmo a mais secreta,  
que à boca do poeta não lhe roube a fala  
e quanto mais lhe tente, mais o peito cala  
e quanto mais calado mais a dor aperta.

Nem só de um poeta vive a poesia,  
mas de cada detalhe que a arte cria  
ainda que ele seja um ponto no infinito.

Poeta e poesia somam, simplesmente,  
um pouco mais de dor àquela dor premente  
que faz, da criação, o mundo ouvir o grito.

## **Tola erudição**

Errar é soletrar o aprendizado!  
Erremos, pois, com sábia inteligência,  
pra que tenhamos plena consciência  
do quanto um ser humano é limitado.

Errar é conjugar um verbo errado  
pra recompor, do erro, a obra feita.  
Pois que a cria humana é imperfeita  
desde que o universo foi criado.

Quem nunca errou não sabe o que aprendeu.  
Não sabe ver, no erro, um sentido,  
nem vê o que encontrou e o que perdeu.

Sem a noção dos erros cometidos,  
cospe por sobre o prato que comeu  
a ler lições de livros nunca lidos.

## **A pedra (de Drummond) e o passarinho.**

Vê a pedra no meio do caminho!?  
Deixe-me que a leve, por favor,  
pois ela é uma prova de amor,  
que a gaiola deu ao passarinho.

Não tire essa pedra, meu senhor,  
pois eu vou colocá-la no caminho  
por onde voou triste o passarinho,  
roubando, da gaiola, o esplendor.

E, dito assim... a pedra colocou  
(como se fosse o peso da saudade)  
lá na gaiola onde a liberdade,  
de tão sentida, se petrificou.

## **Reticências...**

Reticente, vai-se a reticência  
no seu caminho, reto e pontilhado,  
em busca permanente dalgum dado  
que possa explicar-lhe a existência.

Deixa, no rastro do que foi pisado,  
a trilha do caminho percorrido.  
Leva, por sob os ombros, o gemido  
de cada um dos verbos conjugados.

Leva também cruel inconsistência,  
na construção formal do pensamento,  
que chega, pelos braços do momento,  
pra festejar a nova consciência:

Não vê toda paixão do sentimento,  
quem não enxerga além da reticência.

## **Musa**

Voava, sobre a mata, um vaga-lume  
em busca de uma flor inda botão.  
Sabia ter a flor raro perfume,  
mas precisava tê-la na visão.

Enquanto ele voava, a piscar...  
viu sapo, gafanhoto, viu lagarto...  
mas não notou a flor, a perfumar,  
tão tímida e formosa sob o mato.

Quando voltou e fez o seu relato,  
disse: —"Essa floresta não tem flores",  
pois que olhara tudo e, que de fato,  
vira alguns insetos furta-cores.

Só vê a flor do mato, meus senhores,  
aquele que enxerga com olfato.

## **Sois poetas!**

Poetas são sóbrios embriagados  
pelo fulgor do próprio pensamento,  
como num porre homérico de talento  
brindando pelos versos derramados.

São o perdão despido de pecados  
batendo à porta do arrependimento,  
deixando pra depois o sofrimento  
de todos os amores confessados.

Poetas são o homem descomposto,  
até o átomo de sua beleza,  
pra ser reconstruído com a pureza,  
que molda a sutileza do seu gosto.

O gosto que, enfim, vai degustando  
nos tragos alucinógenos da poesia,  
bebendo, dos seus sonhos, a magia  
que o poeta seque a cada mando!

Poetas sois, portanto, todos vós  
quando pensais com vosso coração;  
quando na paz da vossa solidão  
podeis, da alma, escutar a voz.

## **Mãos de pai**

Nas mãos de pai, carícia e castigo  
convivem na mais pura sintonia.  
Ao castigar, a mão acaricia  
e faz da dor o preito de um amigo.

A mão de pai bem sabe do perigo  
que a vida eternamente anuncia.  
Portanto, ao castigar, nos municia  
com um ensinamento muito antigo:

Ser pai não é apenas ter um filho  
e aplacar-lhe a sede e a fome.  
Ser pai não é apenas dar um nome,  
mas percorrer com ele o mesmo trilho.

É lapidar os dons da sua herança  
enquanto faz-se o homem da criança.

## **Poeta...**

Poeta é um ser inteligente,  
que vive (o mundo falso e o real)  
a supurar, da massa cerebral,  
um jorro de paixão intermitente.

Poeta é um ser que chora, e sente,  
e vive, e mata, e morre sem razão;  
que baba de lirismo (em convulsão),  
enquanto o coração domina a mente.

Poeta é, da peça, a tessitura,  
as notas que compõe a partitura  
no solo magistral da melodia.

Poeta, esta insólita figura,  
não é, senão, a mão que dá feitura  
ao verso que encarcera a poesia.



## **Egocêntrico**

Eu vivo a narcisar-me em poesia  
como se fosse um grande literato  
e meus poemas fossem um retrato,  
que a arte, para mim, reverencia.

Vou, entre a psicose e a mania,  
semeando os germens do egoísmo,  
mercê de um iminente cataclismo,  
que a vã boçalidade anuncia.

Sou do poeta sua maestria  
a recriar conceitos hodiernos  
no epicentro da idolatria.

Senhor de si, do céu e do inferno.  
Sepulcro da modéstia, a garantia  
de que o poeta não nasceu eterno.

## **Mitologia poética**

Se pensas que poetas nascem feitos  
e vivem pelo o dom da poesia,  
e passam, por um passo de magia,  
a poetar o que lhes vem no peito!

Se pensas que poetas são sujeitos  
que tentam traduzir a divindade...  
Digo-te: há mais mito que verdade,  
pois às virtudes somam-se os defeitos.

Poetas são de fato e de direito  
herdeiros naturais do imperfeito,  
que sonham atingir a perfeição.

São como um projeto no papel  
a esperar que Deus mande do céu  
a pedra angular da construção.

## **Caducidade**

Minha verve senil, presbiofrênica...  
refém que é de vil inspiração,  
assina, ao rodapé da criação,  
uma menção confusa, esquizofrênica...

Poetas, como eu, sem tradução,  
tendem a dormir suas fobias  
na lírica das mil patogenias  
que plange, dentro d'alma, o coração.

Quem lê meus versos pode antever,  
junto à rima em riste, o que há de ser,  
quando a certeza emana do talvez.

Mas se algum esteta pós- moderno  
quiser reconstruir o meu inferno,  
eu mando a conta inteira pra vocês.

## **Autoestima**

Acordei de um sonho, por encanto,  
ao canto madrigal de um sabiá!  
Cantava, em sustenido, o tom de fá  
que me fez ficar perto do meu pranto!

Mas não chorei, nem ri, e, no entanto,  
tudo em volta ria e chorava.  
Do sabiá, a voz, antiga escrava,  
deixava em liberdade o novo canto.

Por um momento, lembro, não sei quanto,  
senti-me uma espécie de santo:  
um deus no paraíso do além!

Mas logo veio o sol (velho sorriso)  
fazer-me entender que o paraíso  
é ter o sabiá que a gente tem.

## **Pseudosofia da verdade**

Verdade não é mais do que mentira  
vestida com sutil alegoria.

Aquele verso torto que sacia  
a fome de quem dá o quanto tira;

Que diz, mas na verdade desconfia,  
que sua própria luz não seja sua.  
Qual sol eclipsado atrás da lua  
ou um poeta em busca de eutimia.

Mentira é a verdade de quem mente  
despida, verdadeira e totalmente  
liberta dos grilhões da hipocrisia.

Que viva eu, então, por toda vida  
à sombra da mentira preferida:  
a musa que me anima a poesia.

## **Silogismo poético**

Se cada um de nós é uma estrela,  
o céu é uma tela sem pintura  
à espera de uma nova criatura,  
que Deus tenha orgulho de fazê-la.

Se Deus olha por nós lá das alturas  
e nós somos estrelas de aquarela,  
o céu há de servir-nos como tela  
e Deus há de salvar-nos da loucura.

Se cada um de nós emana um brilho  
e Deus nos concebeu tal qual um filho,  
vejamos cada um como um irmão.

Se Deus nos fez irmãos sob o seu teto,  
duvido que o divino arquiteto  
deixou estrelas sem constelação.

## **Um deus poeta**

Se deus quisesse ler a tua mente,  
quando te vem à tona a poesia,  
quicá, como num passe de magia,  
de vil, te tornaria um expoente.

Se deus quisesse ouvir-te, tão somente,  
ao invés de julgar, como é costume,  
quicá de um insigne vaga-lume,  
tornaria-te a luz do sol nascente.

Mas, deus é deus e Deus não se discute!  
Ainda assim eu peço que ele escute  
e leia o que te vem ao pensamento,

quando, de poesia, está fecundo.  
Se deus fizesse parte deste mundo,  
faria do poeta um mandamento.

## **Dogmatologia espírita**

Vós sois as esculturas do universo,  
espírito incrustado na matéria!  
A sina da riqueza e da miséria  
nas sombras do amor e seu reverso!  
O amor é vossa aura de beleza.  
O ódio, vosso ego autofágico.  
Vós sois o que é bom, o que é trágico.  
Vós sois, da vida, a morte, vossa alteza.

Sois escravos de todos vossos bens,  
Sois vassalos da vossa vil fraqueza,  
um pedaço da alma que está presa  
nas cordas das paixões que sois reféns.  
Mas há a liberdade -o novo norte-,  
de vir do sono eterno do infinito  
e, assim, realizar o que foi dito  
quando o Pai vos deu a vida e morte.

Dará à inteligência, a luz humana,  
-como faróis de mar aos navegantes-  
o norte verdadeiro no horizonte  
para colher da vida o que ela dana.  
Virá, pois, a verdade nua e pura  
livrar-vos do egoísmo da matéria.  
E, enfim, navegareis pela artéria  
que une o criador à criatura.